

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

Anandrea Altamirano

LINHAS DE INTENSIDADE:
Desejos e possibilidades numa aula de teatro

Porto Alegre
2015/02

Anandrea Altamirano

**LINHAS DE INTENSIDADE:
Desejos e possibilidades numa aula de teatro**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Teatro - Licenciatura do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Teatro.

Orientação: Prof. Dra. Silvia Balestreri Nunes

Porto Alegre

2015/02

AGRADEÇO...

Aos meus pais, Ana e José, por todo o amor e confiança.

Aos meus irmãos: Patrick, Lucas, Juan, Stephanie e Diego por serem os meus verdadeiros “heróis” que eu amo tanto e estiveram do meu lado sempre no instante em que foi preciso.

O amor e carinho da minha avó Therezinha.

Aos meus amigos e amigas que eu chamo de irmãos que a vida me deu.

Aos amigos (as) lindos que eu fiz nessa trajetória e que vão estar comigo pra sempre nas minhas recordações cheias de risos e alegrias bobas.

A Universidade e ao curso de Licenciatura em Teatro pela oportunidade de descobrir, conhecer, viver este caminho.

Aos professores, funcionários e colegas do Departamento de Arte Dramática (DAD) por tudo o que foi vivido.

A todos que fazem (e fizeram) parte do Projeto de Extensão da UFRGS: “Universidade sem Fronteiras: Arte em Ação Sociocultural”, em especial a estes novos e lindos amigos que a vida me deu: Ariel Medeiros, Fernanda Guimarães, Leonardo Steffanello e Nathalia Gomes Lisboa.

A três professoras e mulheres que me inspiram e admiro muito: Camila Bauer, Vera Bertoni dos Santos e à Silvia Balestreri Nunes por acolher e abraçar com carinho as minhas vírgulas, o meu “caos” e as minhas “viagens”.

A Dra. Aline Fischer por me fazer rir nas minhas fases “minguantes”.

A Maria Luiza, e a todas as crianças que enchem os nossos dias de luz e delicadeza - em especial aos meus sobrinhos (as).

E a tudo e a todos que de alguma maneira atravessaram o meu caminho e se tornaram divinos presentes entre os meus passos.

*“Yo soy una y soy mil, todas las vidas
pasan por mí, me muerden sus heridas”.*

Alfonsina Storni

RESUMO

O teatro e a educação permeiam o foco de pesquisa deste trabalho juntamente com os participantes do Projeto de Pesquisa de Extensão da UFRGS, “Universidade sem Fronteiras: Arte em Ação Sociocultural”, que viabiliza oficinas de teatro em orfanatos, asilos e creches comunitárias. É nesse espaço das relações, entre ministrantes e participantes, que a própria escrita torna-se parte do processo, evocando memórias, marcas, vozes e pensamentos que se encontram num ponto em comum, a arte. Entre relatos, pensamentos e reflexões de autores como Edgar Morin e Suely Rolnik a pesquisa é tomada por uma “tecedura” que se constrói e se estabelece ao passo que a escrita vai delineando todas essas linhas que se entrelaçam: intensidade, relações, memórias, marcas, desejos, pensamentos. Uma aula de teatro é o “campo” - foco - que torna possível esse emaranhado de ideias e que convergem para um “universo” de possibilidades.

Palavras-chave:

Possibilidades; desejos; aula de teatro.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Memórias.....	8
1.2 As Marcas.....	9
1.2.1 A primeira porta aberta, ao invés da última.....	9
1.2.2 A primeira questão evocada!.....	11
2. OS ENCONTROS à procura dos (as) pontos (es).....	13
2.1 “Raiz”	13
2.2 “Leque de Possibilidades”	17
“Reticências”	17
<i>Abraços</i>.....	25
<i>Pactos</i>.....	32
<i>Uma ponte</i>.....	36
“Dia do Doce”	38
3. SOBRE: as certezas, incertezas, compreensão e o desconhecido.....	42
3.1 Compreensão.....	45
4. “DAR PASSO” ao desejo.....	46
4.1 Intensidades buscando expressão.....	49
4.2 O “poder” do momento.....	50
4.3 Arte – Amparo.....	53
5. VOZES.....	56
5.1 Uma breve “costura”	59
6. POSSÍVEIS CAMINHOS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

*El oficio de la palabra,
más allá de la pequeña miseria
y la pequeña ternura de designar esto o aquello,
es un acto de amor: crear presencia.
El oficio de la palabra
es la posibilidad de que el mundo diga al mundo,
la posibilidad de que el mundo diga al hombre.
La palabra: ese cuerpo hacia todo.
La palabra: esos ojos abiertos.¹*

Ao passo que esta pesquisa ia sendo produzida e elaborada, não somente pelos meus pensamentos, mas também por diversas vozes e *marcas* incessantes em mim através das experiências que eu fui vivendo até me encontrar neste momento presente, descobri que este trabalho já vinha sendo construído há muitos anos atrás, antes mesmo de pensar em ingressar no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foram algumas destas vozes e marcas que ecoaram até este instante e me fizeram ir à procura de possíveis respostas, encontros, reflexões, sentimentos, “desejos adormecidos”, encobertos, quem sabe ao ponto de despertarem para sua própria potencialidade de criação.

Acredito que se construíram diante e através de mim, durante minha trajetória no curso, três principais fases importantes de (re) descobertas que potencializaram o meu desejo (adormecido) em relação a esta pesquisa e ao meu olhar dentro do processo de concepção como professora e uma atribuição externa ao curso: as minhas memórias e experiências relacionadas às pessoas importantes no meu caminho.

A seguir, vou tratar de delinear na escrita este grande “tecido” ou emaranhado, de fases, pensamentos e memórias.

¹ “para Roger Munier” Poesia Vertical 14, do poeta argentino Roberto Juarroz.

Obs. Essas fases também se intercalam, se cruzam e se misturam com outras “vozes” que mais adiante procuro evocar...

1.1 Memórias

Logo no início da disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro, ministrada pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, ela nos “convida” a explorar a nossa trajetória artística, desde a infância até o momento atual, através da nossa própria escrita, transformando essa transcrição em um *Memorial* de cada um de nós, já que se trata das nossas memórias e histórias. Confesso que foi bem turbulenta a construção desse memorial, pois trouxe à tona muitas imagens e momentos difíceis, às vezes dolorosos, mas também valiosos de serem lembrados pela sua força de trazer de volta os nossos velhos e esquecidos sonhos e *quereres*. Um desses momentos, enquanto eu escrevia e lembrava da minha história, me fez lembrar uma foto de que eu sempre gostei muito e a qual eu não olhava há muito tempo. No mesmo instante que lembrei, procurei na minha caixa de fotos e foi como se eu (adulta) me olhasse no espelho com sete anos de idade e revivesse o instante em que a foto foi registrada. Escrevi, após alguns minutos de só olhar pra ela, esta passagem no “Memorial”:

Eu me lembro de estar muito nervosa antes do desfile, mas eu estava contente. Tenho guardada uma foto que meu irmão, Patrick, registrou antes de eu “entrar em cena”; eu estava entre os meus coleguinhas, ele me chamou, virei o rosto e ele bateu a foto. Naquela época, eu tinha os dentes da frente bem projetados, pois tive um acidente quando bebê ainda. E era a “dentuça”, tinha vergonha, por isso não costumava sorrir muito com todos os dentes. Meus olhos apenas, que se encarregavam dos meus sorrisos. Mas, nessa foto, olhos e dentes festejaram uma sutil amizade de anos! Pra mim, é uma das fotos mais lindas da minha infância: não há nada de eufórico no meu rosto, mas uma mistura de compromisso, doçura e faceirice no meu olhar, que se estende até a parte inferior da minha boca, que ensaia um leve sorriso tímido.

O que é evocado aqui é um encantamento que nos desloca da nossa própria cotidianidade como minha atitude diante dos meus dentes, e me transporta pra um universo de possibilidades e aventura, ou o desconhecido, que me instiga

ao novo, ao sonho, à surpresa. Pois lembro que uma das coisas que mais me chamava à atenção ao “atuar” ou estar no palco era essa possibilidade de eu poder ser outras vidas. Será que seria fugir de si mesmo? Pois então, eis um ponto em que me encontro hoje em dia: através desse “campo” que a arte possibilita, através dele, é que pode haver um encontrar-se consigo mesmo, “tomar as rédeas” da própria vida e “construir-se”, encontrar-se no meio em que vivemos e com as pessoas que nos rodeiam, por meio do próprio desconhecido que a arte também nos propõe. Mais adiante, “costuro” esse ponto com outra fase e num outro encontro neste grande “tecido”.

1.2 As Marcas

Assim que iniciamos a disciplina do Projeto de Pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com a professora Silvia Balestreri, ao começarmos a “rastrear” sobre o que gostaríamos de investigar, problematizar ou despertar para o TCC de cada um, ela sugeriu que escrevêssemos sobre as nossas *marcas* ou as nossas inquietações e reflexões durante toda nossa trajetória até então. E foram dois momentos em fases diferentes da minha vida que estiveram mais presente na minha escrita. Um deles é quando eu ainda morava em Buenos Aires, na Argentina, no ano de 2007 e o outro quando reingressava na UFRGS e iniciava a minha participação no Projeto de Extensão: “Universidade sem Fronteiras: Arte em Ação Sociocultural”. Reproduzo logo abaixo estes dois momentos e parte das reflexões que trouxe na época sobre os mesmos:

1.2.1 A primeira porta aberta, ao invés da última...

Quando eu tinha 20 anos e estava morando em Buenos Aires já fazia três anos, fui assistir a uma peça no Teatro Nacional, onde estava em cartaz a obra “La señora Macbeth”. Fiquei encantada com o trabalho da atriz principal e, uns dias depois, eu procurei informações sobre ela. Descobri que além de atriz, ela era diretora, tinha um grupo teatral e uma escola também, e ali havia oficinas, apresentações, seminários, etc. Ela se chamava Cristina Banegas e, no mês seguinte, iniciei uma Oficina teatral com ela e mais uma assistente, que também

era professora. Éramos um grupo relativamente grande de alunos, estávamos no segundo dia da oficina e, depois de alguns exercícios de aquecimento, iniciamos um exercício - somente no final deste, eu soube que se tratava de um exercício de “Memória emotiva”. O exercício consistia em percorrer a sala de olhos fechados, em passos lentos, abrindo várias “portas imaginárias”, enquanto uma voz de fora era nossa guia e nos dava indicações. Cada porta que abríamos nos remetia a algum momento significativo, como infância, adolescência (não lembro com exatidão), etc. No momento final, em que íamos abrir a última porta, antes de abri-la, a voz guia disse algo mais ou menos assim: “Agora vocês estão abrindo a porta daquela casa que é a recordação da primeira casa de vocês, aquela que permaneceu por muito tempo sendo a casa a que vocês sabem que sempre vão poder retornar um dia...”.

Eu não tinha a visualização dessa casa, nem na memória, nem na imaginação. Era como se eu estivesse abrindo a porta pra um vazio enorme, que me sufocava. Desatei a chorar e fui abrindo os olhos e vendo que outras pessoas também choravam ou lacrimejavam, mas não como eu. Reparei nos rostos de cada um: uma nostalgia, um leve sorriso, alguns com um olhar distante, pensativo. Mas eu sentia angústia, ansiava aquele “lugar”. Não consegui seguir na aula e fui para casa. No trajeto para casa, dentro do ônibus, eu olhava as pessoas em volta, ouvia os ruídos dos carros, as conversas, e pensava o quanto, há tempos, não me sentia mais feliz ali, o quanto aquele não era o meu lugar. E, assim, eu percebi que não conseguia mais me enxergar morando naquela cidade. Naquela noite decidi que iria embora, dois meses depois eu estava partindo.

Hoje, oito anos depois, eu vejo essa experiência como uma porta que se abriu em direção ao encontro comigo mesma. E, depois de um tempo, percebi que nesse encontro não se está sozinho, como eu já não estava quando aquela porta se abriu diante de mim. É um caminhar individual sim, mas é atravessado e complementado pelo outro, pelo mundo.

Desde esse acontecimento, comecei a reparar o quanto uma aula de teatro me proporcionou experiências marcantes, envolvendo encontros significativos para o meu processo de aprendizagem artística e pessoal. Pude observar essas

experiências relevantes na vida de outros artistas também, amigos e colegas que eu fui encontrando neste caminho.

Percebo nas aulas de teatro uma oportunidade para algo que está ignorado, alienado (como o próprio caminho de encontro consigo mesmo) possa ser revelado, pelo fato de que ao fazer teatro não se está sozinho, existe um encontro nessa condição. E encontros de cunho mais afetivo com pessoas que não sejam do nosso círculo mais íntimo podem estar mais limitados nos dias de hoje.

1.2.2 A primeira questão evocada! - e a terceira fase importante

Em 2011, retornei aos meus estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e, na disciplina da professora Camila Bauer, iniciamos uma conversa que tinha como base: por que nós fazíamos teatro...

Enfim, a professora sugeriu que nós participássemos de um Projeto de Extensão da UFRGS, ou seja, nós mesmos criaríamos junto com ela. Assim surgiu o projeto: “Universidade sem Fronteiras: Arte em Ação Sociocultural”. Ministrávamos aulas de teatro para orfanatos, asilos e creches comunitárias.

No primeiro ano de projeto, iniciei dando aulas de teatro para crianças com idade entre quatro e cinco anos numa creche comunitária na zona norte de Porto Alegre. Nós íamos em duplas, portanto, eu não estava sozinha todo o tempo, somente quando o meu colega precisava se ausentar. Era algo bem desafiador, porque não tínhamos muita noção de como adaptar as nossas experiências em aulas de teatro para crianças dessa idade. Portanto, buscávamos recursos em contos infantis e, a partir deles, propúnhamos alguns jogos e brincadeiras. Aos poucos, fomos conquistando tudo aquilo que era mais sutil por detrás de cada conto ou jogo, como: o olhar atento a cada um, um abraço, as risadas cúmplices, o cuidado, a cumplicidade. As aulas de teatro permitiram que isso acontecesse de uma maneira não invasiva, de modo que nos aproximamos. Estávamos nos conhecendo e sabendo mais de cada um, de uma forma em que talvez numa outra situação isso não ocorresse.

Ao início de cada aula conversávamos sobre como haviam passado o final de semana. Cada vez mais nos traziam assuntos bem particulares, ansiosos por

uma escuta atenta. Lembro-me de um dia em especial, no qual eu senti que tudo começou a ficar mais leve e divertido entre nós. Eu havia levado um leque para a aula daquele dia. E, depois da nossa conversa em roda, simplesmente tirei o leque da bolsa e coloquei diante do rosto, em seguida quando o tirei diante de mim, eu estava imóvel com outra feição no rosto, como um “toque de mágica” causado pela ação do leque, que me havia “transformado” numa personagem. Aquilo foi fascinante pra eles, curioso e engraçado. Todos queriam experimentar o “poder” do leque, até os mais tímidos. O rostinho de encantamento de uns é uma imagem tão poderosa, alguns rostinhos mal dormidos com olheiras e cor pálida que de repente se iluminaram e se abriram, para “algo” que os fez agir, querer, desejar. Abordo, então, a seguinte questão:

Como uma aula de teatro pode possibilitar experiências significativas, capazes de afetar a nossa percepção em relação a nossa complexidade e a do outro nas relações?

Esses foram os três pontos ou momentos que me trouxeram até aqui a essas linhas em que escrevo agora. Desde então, dessa pergunta acima, algumas coisas (pensamentos) foram transformando-se através do próprio processo, ou melhor, atravessadas por ele. O que também permeia este trabalho, além de derivar desta pergunta, são as palavras “possibilidade”, “afetar” e “complexidade”. E eu as encontro, sinto e percebo nas minhas transcrições das observações no “campo”, daquilo que escuto - com todos os sentidos - e das outras vozes, ou seja, todos os “universos” envolvidos nesta pesquisa.

2. OS ENCONTROS à procura dos (as) pontos (es)

O foco desta pesquisa se constituiu a partir de encontros num determinado espaço e entre as relações dos participantes e ministrantes das aulas de teatro. Através, portanto, destes encontros, a proposta foi evocar questões dialogando e proporcionando “pontes” (ou pontos de encontro) entre as outras *linhas de intensidade*² que foram surgindo no decorrer da própria escrita.

Os ministrantes das aulas em questão foram os que participam deste ano do Projeto de Extensão da UFRGS “*Universidade sem fronteiras: Arte em Ação Sociocultural*” e os participantes: crianças e adolescentes entre 8 e 14 anos que fazem parte da Fundação *Pão dos Pobres*, localizada no bairro Cidade Baixa na cidade de Porto Alegre.

A fundação *Pão dos Pobres* trabalha por meio de doações para a construção de um projeto de vida para crianças e jovens, a maioria em situação de vulnerabilidade social, pobreza ou violação de direitos. Seu trabalho se dá através de cursos profissionalizantes, oficinas e acolhimento dessas crianças, proporcionando também diversas atividades artísticas.

(<http://www.paodospobres.org.br/site/>)

O grupo desta oficina do Projeto de Extensão conta atualmente com 4 ministrantes: Ariel Medeiros , Fernanda Guimarães, Nathalia Gomes Lisboa e Leonardo Steffanello. Com 20 crianças e pré- adolescentes.

2.1 “Raiz” – encontro com os ministrantes do Projeto de Extensão

Durante o processo de criação do meu Projeto de Pesquisa a professora Camila Bauer me chamou para uma reunião com os participantes do Projeto de Extensão desse ano para que eu pudesse talvez “desangustia-los” em relação a determinadas questões e situações que eu também já tinha vivenciado. Pois ela

² Uma situação que se repete em tempos diferentes, mas com a mesma intensidade.

acompanhou muito bem todo esse processo do início do Projeto e sabia o quanto eu tive minhas “angústias”. Felizmente coincidiu com o momento em que eu estava em busca do meu “campo” de pesquisa e, portanto eu fiz uma proposta para que eles participassem do meu trabalho, de maneira que eu pudesse acompanhá-los.

Primeiro nos encontramos todos, num sábado ensolarado no dia 12 de setembro no Departamento de Arte Dramática (DAD) na sala 3 e ali propus algumas atividades para que conversássemos e nos conhecêssemos um pouco mais, evocando os desejos, os anseios e as questões que nos rodeiam. Fizemos uma conversa inicial em círculo, logo uma atividade de sensibilização e por fim sugeri que todos se “soltassem” e desenhassem a sua árvore “pessoal”. Foi um dia bem bonito em que terminamos o nosso encontro assistindo a um lindo pôr-do sol na Orla do Guaíba. Deixo adiante algumas imagens do mesmo.

Obs. Os desenhos são as árvores de desejo de cada um, que os representa um pouco, com cada uma de suas partes: raízes, tronco, folhas, flores e frutos. As raízes seriam o que os “sustenta” na vida, nos dias, nas relações. O tronco o que os “move” para os desejos, para os “frutos”: sonhos, as utopias e *quereres*.

IMAGENS:





(Todas as fotos: arquivo pessoal.).

Em seguida, durante as semanas seguintes, após este dia, iniciei o processo de acompanhamento das aulas do grupo da Fundação durante um mês

e meio. E os relatos no capítulo que segue assumem o “papel” das linhas que entrelaçam esta pesquisa.

2.2 “Leque de Possibilidades” – os encontros na Fundação

“Reticências...” - dia 2 de setembro

Combinamos de nos encontrar no Departamento de Arte Dramática (DAD), Fernanda, Leonardo, Ariel e eu, para logo seguirmos em direção à fundação Pão dos Pobres.

Conforme íamos caminhando até o local, aproveitamos para conversar um pouco sobre as aulas anteriores e como estava sendo a experiência. Era a primeira vez de Leonardo e Ariel neste local e pretendiam seguir o trabalho neste grupo, pois o grupo em que estavam anteriormente se desfez.

Chegamos à escola. Logo avistei o espaço ao ar livre, bem amplo, mais de uma quadra de esportes e muitas árvores. Um prédio antigo, também amplo, com corredores largos, janelas e portas grandes. Até chegarmos ao setor onde se realiza a aula (de teatro), do lado esquerdo, vemos uma quadra de esportes ao ar livre (neste dia estavam várias crianças tendo aula de educação física) em que todos estavam bem animados, inclusive os professores, era algo contagiante. Seguindo adiante já pelo corredor do prédio, onde estava nossa sala, passamos por mais uma quadra de esportes onde estavam algumas crianças conhecidas da Fernanda, tendo outra aula. Algumas delas gritaram: “Oi sôra ” A Fernanda respondeu e me olhou com um sorriso. Percebi no sorriso dela um contentamento por essa identificação do “sôra”. Foi bonito de ver no outro algo pelo qual eu já passei, pois me lembrei das minhas primeiras vezes dando aula no Projeto de Extensão, quando comecei a ouvir os primeiros “sôras” e sentia certo “ar” de encantamento - um pouco tímido - com uma mistura de responsabilidade.

Entrando no prédio, procuramos a responsável e fomos muito acolhidos, bem recepcionados. Ficamos cientes de que alguns alunos haviam faltado naquele dia, pois em seu bairro houve um tiroteio e muitos não puderam sair.

Subimos as escadas e logo estávamos na sala. A sala é bem larga, de piso frio e janelas altas, possuiu um pequeno palco, um pouco abandonado (tem uma mistura de coisas em cima e em volta dele) várias cadeiras e um espelho em toda a parede no fundo da sala.

As crianças foram chegando aos poucos e sentando nas cadeiras. Algumas chegaram bem agitadas outras mais preguiçosas, mas dispostas para a aula que estava prestes a começar. Alguns já estavam mais “apegados” a Fernanda e a abraçavam, perguntavam coisas, como, por exemplo, quem eram os dois meninos novos (Ariel e Leonardo). Portanto, Fernanda começou apresentando os meninos e pedindo que cada um dos participantes (que estavam todos sentados um do lado do outro) dissesse o seu nome e idade para que os novos professores os conhecessem também. Leonardo e Ariel iniciaram se apresentando e uma menina fez questão de dizer que o namorado dela se chamava também Ariel, e outro menino que o tio dele se chamava Leonardo e, segundo ele, era “bixa” (nos olhamos...).

A maioria tem entre nove e 13 anos de idade - um ou dois com 14 anos -, e não estavam todos neste dia. Eu estava sentada também e quando era a vez da última cadeira - todos olharam para mim- eu também respondi: “meu nome é Ana e tenho 28 anos”. Uma das meninas teve uma reação muito espontânea quando eu disse a minha idade: abriu bem grande os olhos e a boca com uma cara de surpresa. Esta mesma menina, logo depois, chegou a mim e falou: “Tu parece ter 23 anos”, disse sorrindo, curiosa, como quem quer iniciar uma conversa. Agradei brincando, dizendo que “estava ganho o meu dia” e perguntei o nome dela. Chamava-se Maria Luiza, 10 anos, de olhos bem expressivos e brilhantes. Ela percebeu que a aula estava começando e foi pra roda que estava se formando. O jogo “pega o rato” ia começar!

A maioria estava à vontade e disposta a brincar, porém, os maiores entre 12 e 13 anos, tinham certo desinteresse no corpo e pelo ato de brincar. O jogo foi ganhando forma depois de alguns minutos de brincadeira, e de repente, percebi que por alguns instantes, havia-se conquistado uma atmosfera do universo da

criança, do brincar, como uma alegria despreziosa. Eles estavam presentes, rindo, gargalhando, caindo, se levantando, correndo, alguns olhos arregalados, atentos ao jogo. E, neste instante, até mesmo os pré-adolescentes, de alguma maneira se envolveram no jogo, vendo os menores brincando. Leonardo e Ariel estavam participativos, mas percebi um estado de preocupação, que só mais tarde na nossa conversa pude entender um pouco.

As crianças estiveram envolvidas neste momento, entre elas, e através do jogo. Qual foi a força motriz que desencadeou esse instante? Há tempos eu não observava com tanta sutileza esse espírito do “brincante” nas crianças de hoje em dia. Me lembrei das brincadeiras das crianças nas ruas, nos bairros, ao ar livre, na minha época de criança. Essas brincadeiras mais simples, que têm tanta leveza, como o “esconde-esconde” o “pular corda”, “amarelinha”... Talvez para essas crianças, neste dia, naquela sala, isso foi algo natural... Para nós adultos é que possa ser “sentido” como algo um pouco mais distante...

No segundo momento da aula, formaram-se alguns grupos dispersos do próprio grupo, ou seja, alguns reunidos conversando ou brincando correndo atrás de outro, outros ora sentados ora em pé circulando. Mas, em determinado momento os ministrantes puderam reunir todos num grande círculo e fazer um jogo com as mãos estendidas em que íamos tentando tocar na mão do colega da direita, sem que esse percebesse.

Não funcionou muito, pois ficávamos muito tempo esperando a nossa vez chegar. Eu senti a necessidade de entrar no jogo e pedi para participar. As crianças só me observaram, não se sentiram incomodadas, pelo contrário, parece que gostaram e se viram na “obrigação” de levar mais a “sério” o jogo. Minha intenção entrando foi realmente de entrar com essa atitude: “vamos lá, vamos brincar”. Mas esse estado de um “desconhecido” no jogo - eu- só se deu por um momento, logo eu já estava ali fazendo parte do todo também...

Após esta brincadeira, os ministrantes propuseram uma improvisação. Organizaram-se em pequenos grupos, no qual cada um teria uma frase (escolhida

pelo ministrante) e o grupo desenvolveria uma situação a partir desta. Nesse momento - enquanto os grupos se organizavam e as frases eram dadas - as crianças e os adolescentes se dispersaram bastante. Formaram-se pequenos grupos que conversavam, se implicavam, riam, alguns se divertiam nesse momento que parecia ser também como uma hora mais “livre” ou de distração. Outros pareciam estar ali também “por estar” e outros gostavam da ideia de “brincar” com as propostas que eram dadas, principalmente os menores de idade.

Chegamos ao dado momento de cada grupo apresentar sua Improvisação. O primeiro grupo (só de meninas entre oito e 10 anos) tinha como tema: “A floresta estava escura...” (ao menos foi o que pude entender) Apagaram as luzes da sala e o que vimos foram algumas falas em tom bem baixo, seguido de um corre-corre e gritos. Acredito que todos perceberam que não se entendeu nada praticamente, mas as improvisações seguiram adiante. Os demais - o público ou plateia- estavam bem dispersos, falando e se locomovendo, algo que não estava contribuindo para que as apresentações acontecessem. Antes da improvisação seguinte, fui conversar rapidamente com a Fernanda, sugerindo que talvez isto ajudasse: ela, junto com os demais, delimitasse o espaço da plateia com as cadeiras e expusesse um pouco aos participantes sobre a importância do público no teatro. Percebi que o fato das improvisações não estarem acontecendo como foram propostas estava sendo ignorado pelos ministrantes. Portanto, transmiti aos ministrantes que talvez este fosse o momento de trabalhar com essa linha tênue (que tanto tememos) entre a “autoridade” e o respeito, num espaço de sala aula, sem perder a delicadeza e o modo não agressivo de colocar-se diante de uma situação adversa.

O espaço cênico e plateia foram reorganizados e todos se colocaram nas cadeiras. Isto modificou um pouco o estado nos corpos dos participantes em relação ao ato de assistir aos colegas que iriam se apresentar. Já havia me ocorrido uma situação parecida em sala de aula e esta mesma sugestão me foi dada pelo professor supervisor do meu estágio na época e também deu certo.

Em seguida, a Fernanda quis colocar a situação e chamar a atenção dos participantes de que era necessário o silêncio, a contribuição e o respeito para com os colegas. Conversamos depois sobre esse momento, algo que foi bem difícil para ela.

Na improvisação seguinte com um menino e três meninas pré-adolescentes, com a sala ainda em penumbra (pelo visto, adoram a sala no escuro) e tudo meio confuso e disperso, surgiu um personagem “tarado” (dito por uma das meninas) e uma música “funk”, ao fim não se pode entender bem qual era a situação.

A aula já estava no fim, encerraram-se as improvisações assim como surgiram, e fomos ao momento da despedida que eles mesmos pediram: “sora” vamos fazer o “Háaa”! Que é um grande círculo com todos, no qual vamos primeiro batendo com os pés no chão como se fossemos levantar voo com os braços e mãos, enquanto dizemos num tom crescente “háaaa” em direção ao centro do círculo, até chegar com os braços estendidos no alto, soltando toda voz e o corpo num único “Há”! Reparei o quanto eles gostam desse momento, que já se percebe como um “ritual” de despedida, pois pediram para fazer mais de uma vez.

No fim, ficamos nós -ministrantes e eu- na sala e eu os convidei para irmos tomar um café e conversar... Veio-me um turbilhão de pensamentos e coisas que eu precisava dizer a eles, principalmente porque eram –dificuldades- pelas quais eu já passei... Depois, repensando em casa, acho que falei demais... Pois são as minhas experiências, nunca é igual para todos...

Quando estávamos conversando na cafeteria, percebi que talvez eu estivesse falando demais. E, apesar de que eles estavam dispostos e querendo ouvir, aos poucos comecei a acalmar as minhas ideias e tentar estimular que os pensamentos deles viessem à tona também... A Fernanda me questionou se não estávamos exigindo muito deles e eu disse que isso não significava a necessidade de desqualificar a aula de teatro, não no sentido de desvalorizar, mas de, por

exemplo, não ignorar que a improvisação não estava sendo uma improvisação como eles (os ministrantes) estavam propondo... Sim, deveria de ser divertido, mas qualquer brincadeira também tem ao menos um ponto de partida estabelecido... Enfim, nesse momento, enquanto eu ia falando, convicta do que eu dizia como se as minhas palavras fossem as corretas, a Fernanda atentamente e apreensivamente me olhava e escutava enquanto os olhos dela se enchiam d' água. Havia um vento um pouco forte, estávamos na rua, parecia que isso contribuía com esse momento tão delicado. Quando eu reparei os olhos dela, assim cheios de água, e ela permitindo que o choro viesse sem interromper esse movimento natural da lágrima, comecei a medir cada palavra que eu dizia e tentar amenizar alguma mágoa, dor, ou dificuldade que pudesse estar por detrás daquele rosto. O semblante dela enquanto me olhava - e eu a olhava - era de alguém que parecia já saber o motivo da lágrima. Todos nós nos olhamos, e, por fim, eu sorri pra ela, toquei na sua mão e só consegui dizer que, se ela tinha se comovido, era porque ela ainda está viva, ela sente, e as coisas não estavam passando sem ela reparar...

Eu quis deixar bem claro a eles que eu falava a partir das minhas percepções e experiências, dos meus sentidos, e de que cada um vive as coisas de acordo com o que cada um sente, vive e percebe. E a cada momento que surgiu em mim um “caos” interno no qual eu vivi, ou melhor, toda vez que eu não deixei que ele simplesmente “passasse” por mim, e sim eu o acolhi, ocorreu um processo importante de transformação, que foi um aprendizado. Sugeri que eles refletissem sobre isso, se este momento na extensão era uma fase importante pra cada um.

A minha participação na Extensão também é o reflexo das questões que eu procuro entender, refletir a respeito hoje em dia. Quem sabe de alguma maneira isso não possa alcançá-los também, nesse caminho de se encontrar como um professor...

Logo, cada um falou um pouco do que sentiu e de suas dificuldades. Ariel falou um pouco do seu medo em “mandar”, em ser autoritário e de como ele repete a atitude do “fica aqui”, “senta ali”, mesmo não querendo...

Leonardo, tão delicadamente também, expôs o quanto se sentiu vulnerável diante daquela energia toda das crianças, o quanto isso é difícil pra ele, pois vive mais tranquilamente no seu “mundo” e prefere o silêncio à turbulência...

Aproveitei para dizer o quanto acredito que todos esses desafios que vão aparecendo, são oportunidades de crescimento tanto pessoal como profissional... E aos poucos também nos revela quem somos e o que queremos ser diante de tudo e todos...

Ao final da nossa conversa, já agora dentro da cafeteria, pois já estava frio, falamos das possibilidades de jogos em aula e possíveis atividades. Rimos um pouco e pedi desculpas se havia dito coisas demais....

Na orla do Guaíba terminei a conversa comigo mesma e meus pensamentos... Percebi o quanto eu me vi na Fernanda, lá no início da minha participação no Projeto de Extensão, há 5 anos atrás, num orfanato com crianças e adolescentes: eu estava com medo de não dar o amor pelo qual o corpo deles gritava de necessidade, e ao mesmo tempo de não conseguir dar uma aula de teatro. E, cheguei à conclusão de que na verdade, tendo esse medo, eu estava afirmando, sublinhando a “carência” deles, como se eles fossem incapazes de criar, aprender, pelo abandono e a ausência refletida no corpo... Assim que cheguei em casa, escrevi uma mensagem para a Fernanda contando sobre isso.

Tirei esta foto neste dia enquanto “conversava”, talvez por instinto, pois jamais havia pensado (até agora) o quanto ela “diz” sobre esse dia...



(Arquivo pessoal, na Orla do Guaíba, Porto Alegre.).

“Sacações”³ do dia:

- ✦ Acolher o Caos.
- ✦ Não ignorar o que realmente está acontecendo.
- ✦ Saber “atravessar-se” pelo outro, pelo mundo.
- ✦ Há momentos em que tudo ocorre naturalmente, e justamente pelo estado da “natureza das coisas”, elas mesmas encontram uma forma de “ser”...
 - ✦ Algum princípio de organização é muitas vezes como um ponto de luz no escuro, clareia...
 - ✦ Rituais, além da sua própria beleza, unem, aproximam e possibilitam uma maneira de celebrar o encontro, o carinho, a troca.
 - ✦ Em momentos de “turbilhão de pensamentos”, sempre buscar não estar tão convicto daquilo que se fala, principalmente em voz alta, nunca se sabe como, a quem e ao que a palavra atinge.

³ A cada relato - observação se “abre” um leque de possibilidades que abarcam todas as relações presentes no mesmo e as percepções e sensações da autora e dos participantes.

“Trabalhe com o aluno onde ele está, não onde você pensa que ele deveria estar”.

Viola Spolin

Abraços – dia 23 de setembro

Encontramos-nos no DAD. Neste dia estavam presentes mais duas pessoas atuantes neste grupo da extensão, a Letícia e a Nathalia. A Letícia iria nos esperar na frente da escola, mas a Nathalia partiu do DAD também, então, no caminho até a escola fomos conversando. Ela me contou de suas experiências dando aula e disse que realmente entrou no DAD com a intenção de ser professora de teatro, pois ela adora dar aulas. No meio da conversa, nós duas encontramos uma experiência muito bonita em comum: ambas já demos aulas de teatro para surdos, e chegamos à conclusão que os “alunos” nas aulas éramos nós.

Na metade do caminho, percebi o entusiasmo na conversa dos ministrantes (Leonardo e Ariel) que iam mais à nossa frente (Natalia, Fernanda e eu). Devagarzinho fui me aproximando e perguntei o que tanto conversavam. Leonardo ainda se divertindo com a conversa, me respondeu: “Eu estava perguntando para o Ariel se ele entrou na faculdade de teatro por causa dos pais ou por ele, pelo fato dele ser “calado” até o 5º ano do Ensino Fundamental” Fiquei curiosa e perguntei então sobre a história do Ariel, como ele começou a fazer teatro...

Ariel começou me contando que de fato, ele não falava com ninguém até o 5º ano, praticamente somente com a família. A sua mãe preocupada achou que seria bom se ele fizesse aulas de teatro e o matriculou no Colégio de Aplicação da UFRGS. Ele começou a frequentar as aulas de teatro do colégio e realmente começou a se relacionar melhor com os demais, porque começou a lidar melhor com o fato de se expor e falar “em cena”, jogar com os demais colegas, e, desde então, ele se envolveu com o teatro.

Comentei com ele que eu também comecei a lidar melhor com o fator “exposição” depois que comecei a fazer teatro, e que inclusive eu dizia, com uns

14 anos, que eu não gostava de teatro, mas, lembro que eu gostava da possibilidade de, no ato de “representar”, poder ser outras pessoas. Apesar de fazer dança e participar das apresentações da escola desde os 9 anos, sempre fui muito tímida. Mas eu percebia, desde pequena, certa magia que me encantava no universo das artes - que até hoje não sei se posso decifrar - e por isso, apesar da timidez eu nunca me afastei muito dela...

Formou-se um diálogo bem interessante neste momento, logo depois o Leonardo contou também a sua história, dizendo que parecia que com ele tinha acontecido ao contrário, porque é hoje em dia, no curso de teatro, que ele se sente mais introspectivo que quando criança.

Chegamos à escola e a Letícia estava nos esperando, nos cumprimentamos e fomos pegar os adesivos de identificação na portaria para podermos entrar. A senhora que nos atendeu nos atendeu automaticamente, ou seja, diferente do atendimento da coordenadora, por exemplo, que é sempre bem gentil.

Bem, neste dia, a aula seria em outro espaço, pois a sala destinada ao teatro estava ocupada. Haviam feito um brechó da escola e a sala ainda estava com muitas coisas espalhadas. A coordenadora nos levou até a outra sala, junto com as crianças, esperamos um pouco para que organizassem a mesma e logo entramos.

Os ministrantes propuseram para o início da aula, que todos sentassem no chão, formando um grande círculo. Assim, iniciou-se uma conversa entre todos, com algumas perguntas dos ministrantes, como, por exemplo, se os participantes estavam gostando de fazer as aulas de teatro, etc. Não houve respostas muito incisivas, os menores são os que parecem mais entusiasmados com as aulas, os que parecem não estar com muita vontade são os pré-adolescentes. Mas, mesmo assim, eles tentam seguir participando de alguma forma das aulas.

Em dado momento perguntei para um dos ministrantes se eu podia me juntar a eles na roda, e assim foi. Quando percebi, estava sentada do meu lado a

Maria Luiza, a menina que anteriormente tinha me dado 23 anos. Ela estava diferente nesse dia, a expressão do rosto não era a mesma, os olhos não estavam com o mesmo brilho e ela parecia estar um pouco distraída, cabisbaixa, um pouco triste talvez... Enquanto todos conversavam, eu observei que ela se distraía com uma bolinha de “gude”, como quem pratica a “pontaria” para o jogo. Mas como esse exercício dela começou a dispersar a conversa que os ministrantes estavam querendo propor e a conversa já estava se “desmanchando”, eu perguntei pra ela se ela não queria que eu guardasse pra ela a bolinha até o final da aula, afinal ela podia perder quando começasse a fazer as atividades. Ela me entregou sem problemas e bem confiante.

Em dado momento, a coordenadora chamou a atenção de dois meninos pré-adolescentes que tinham saído da aula para ir ao banheiro, ela quis deixar claro que eles faziam isso para ir “passear” pela escola ao invés de estar na aula. Ela chamou seriamente a atenção de todos no final, para que todos aproveitassem de verdade a aula de teatro.

Um desses meninos me chamou muito a atenção, pois o seu rosto tem a expressão de um adulto cansado e zangado. Quando a roda terminou e os ministrantes começaram com outra atividade, ele e mais o outro menino seguiram não participando da aula. Nesse momento eu estava sentada observando de longe e reparava o quanto os ministrantes se esforçavam para que a aula fluísse, alguns iam conversar diretamente com alguns que não estavam participando, enquanto outros estavam já com a voz exaltada buscando um foco ou direção pra aula, pois ela seguia dispersa, sem um foco em comum. “Isso é bem natural que aconteça...” era o que eu pensava, enquanto lembrava as vezes que me vi na mesma situação.

Eu observava vários focos: um ministrante conversando com duas meninas, tentando trazer elas para o jogo, outras duas ministrantes tentando fazer com que a atividade acontecesse com os que estavam mais dispostos e, algumas crianças que vinham conversar comigo rapidamente ou escrever algo no quadro que havia nesta sala. E num desses focos eu vi aquele menino do rosto de expressão

cansada, brincando com um jogo de tampinhas com uma das ministrantes, a Letícia, eu não vi em que momento isso aconteceu, mas ele estava bem engajado no jogo, até, em certo momento, a expressão do rosto dele mudou, eu enxerguei o menino que ele é, um menino brincando... No final da aula a Letícia me contou que ele se chama Guilherme e que realmente ele custou a se engajar no jogo, mas, de repente, a brincadeira estava acontecendo... Ele também contou sobre uma música de que ele gostava e talvez ele a cantasse no momento das improvisações, mas isso ele disse depois que a Letícia o tinha encorajado bastante.

Os ministrantes estavam tentando propor um relaxamento, mas não estava funcionando, as crianças estavam bem agitadas - algo que acho bem normal - e, quanto mais eles pediam silêncio, menos isto era alcançado. A Natalia se impôs um pouco mais (pelo tom da voz) e, por alguns instantes alguns se concentravam deitados no chão. Havia apenas uma menina que, desde o início da aula, estava muito compenetrada e disposta, a Ágata, ela inclusive conversou comigo no início da aula, e me contou que não estava vindo às aulas por causa do tiroteio que teve no seu bairro - ela falou isso com certa naturalidade. Ela demonstrava estar bem entusiasmada. O Leonardo nos contou depois que ela parecia estar “mergulhada” num universo particular nesse momento do relaxamento. Depois, ele perguntou o que ela estava imaginando, e ela respondeu estar imaginando que ela estava na neve, pois nunca tinha visto a neve, mas gostava de imaginar isso.

Voltando a este momento do relaxamento, eu quis sentir como eles poderiam estar se sentindo ali deitados e fui me deitar também. O piso estava frio, o clima estava um pouco sombrio ali dentro, o ambiente não parecia propício a algo que favorecesse essa atmosfera mais acolhedora de um processo no trabalho com a imaginação. Os ministrantes já pareciam bem cansados com a situação, então, em seguida a Natália partiu para outra atividade.

Na atividade seguinte, acredito que ao menos os menores se envolveram e se divertiram bastante. Consistia no “siga o mestre”. A Natália ia propondo movimentos com o corpo todo e todos iam imitando, seguindo atrás. Creio eu, que

o fato dela estar bem engajada na proposta fez com que a brincadeira acontecesse, porque senti como quando alguém te diz algo com muita convicção e entusiasmo: vem comigo!

Nesse mesmo instante, observando essa situação, eu refletia sobre a importância do professor também estar engajado e animado com a proposta da sua aula. Muitas vezes ele terá que primeiro conquistar isso dentro de si, para depois conquistar essa confiança no outro, pois o aluno, o participante, sente tudo: o nervosismo, a tristeza, apatia ou alegria. Principalmente as crianças, por mais que seja de maneira inconsciente, mas, de algum modo, elas sabem como o professor se sente, através da própria brincadeira também.

⁴Isso é o que há de mais puro e verdadeiro que eu pude vivenciar no primeiro ano, dando aula na creche comunitária do projeto de extensão, sempre relembro de determinado dia, em que fui colocada para dar uma aula numa outra turma - não a minha - cheia de crianças que eu ainda não conhecia e que tinham em torno de 4 anos. Em determinado momento, eu me vi sem saber o que fazer, passados alguns minutos, as crianças começaram a se movimentar, correndo, gritando, não lembro bem como; e então eu achei que, se eu entrasse nessa “brincadeira” também, a aula fluísse, mas, no meu ápice de “devaneio” querendo-me “enturmar”, eu vislumbro uma das crianças, uma menina, bem na minha frente, no meio da sala, me olhando, com os olhos bem abertos e um pouco pensativos, com o rostinho para o lado, como quem diz: “O que tu estás fazendo?” Essa imagem me desestabilizou e me trouxe ao chão imediatamente, fui retornando ao estado “normal” e aos poucos, meio sem graça, retomando a aula e, não lembro como, finalizando-a. Claro que depois, na volta pra casa, eu ria muito de mim mesma por essa situação, mas aquela criança tinha me ensinado uma das coisas mais essenciais nesse caminho: nunca subestimar e sempre se dispor a ser verdadeiro. Porque tudo aquilo que é falso corre o risco de não construir nenhum laço de confiança ou afeto para que algo se estabeleça, como uma aula de teatro, uma amizade ou qualquer tipo de relação. Quando não há confiança, não há

⁴ Linha de intensidade.

“pacto” e muito menos um “terreno fértil” para que se engendre um ato de força criativa, expressiva e, portanto, ao mesmo tempo sensível. Acredito que tudo isso de alguma maneira se dá numa aula de teatro, por isso a necessidade de refletir quem é este (Eu) professor, para logo refletir quem são esses (o Outro) alunos.

Voltando ao relato deste dia, um pouco antes da atividade do “Siga o mestre” terminar, sugeri aos meninos (participantes) que estavam do “lado de fora” da atividade, que experimentassem fazer junto o jogo com o restante das crianças. Mas acredito que não surgiu estímulo no momento, e, no final da aula, Ariel me explicou a situação.

Iniciava-se o instante das improvisações e o grupo das meninas - às menores de idade - já estavam se organizando. Enquanto isso, as outras meninas - as pré-adolescentes - estavam ainda sentadas, distraídas, menos a menina Ágata, que veio na minha direção assim que eu me levantei para ir conversar com as demais. Perguntei se elas não queriam fazer a improvisação comigo e, ao mesmo tempo em que as encorajava, eu procurava mostrar que era uma brincadeira e poderia ser divertida... Por que não experimentar?

A atitude dessas duas meninas adolescentes era como quem dizia: “Mas é uma coisa boba...”.

No fim, um pouco sem vontade, elas toparam fazer a improvisação, então eu coloquei a questão: qual seria a situação ou o que iríamos fazer?

A Ágata foi logo dando a ideia: uma jornalista que acordou com os “pés dançantes”! Eu seria a chefe de onde ela trabalhava e as demais, as colegas de trabalho. Claro que ela perguntou se todas estavam de acordo. Todas disseram que sim, então começamos a nos organizar. Ela (Ágata) começaria a cena acordando com os pés dançantes, logo, chegaria atrasada no trabalho e eu perguntaria por que ela estava atrasada e, quando, de repente, ela me tocasse com a mão no ombro, eu me contaminaria pelos pés dançantes e assim por diante com todas as demais colegas. O final da cena não se estabeleceu, deixamos para revolver isto assim improvisando mesmo.

Quando todos estavam prontos, nos colocamos sentados no chão (o público) para assistir ao primeiro grupo. A cena (só de meninas) começou com as luzes apagadas (uma penumbra) onde se visualizavam dois grupos, em seguida, notamos que eram dois “bandos”, pois começaram a brigar e fazer uma batalha de palavras e xingamentos. A Ágata que estava sentada do meu lado, nesse momento me olhou bem concentrada e disse: que horror... Eu não disse nada. Já para o fim da cena, os bandos transformaram-se num grande grupo, em roda, com uma das meninas no meio dele e todas cantando uma canção. A canção que é bem doce (“Aquarela” de Toquinho) parece que as intimidou bastante, como um estranhamento, mas seguiram cantando-a até o final da cena.

Parecia que essa própria doçura era o motivo da timidez que eu reparava, e o inverso daquilo que é agressivo, e o mais próximo da palavra amor. Não sei bem o que reparei, mas era algo estranho...

Chegou a vez do nosso grupo e a Ágata estava bem animada, as outras meninas adolescentes no meio do improviso pareciam estagnadas por receio (talvez) de estarem fazendo papel de “bobas”. Uma delas tinha uma atitude no rosto que expressava: “chateação”, ela também me disse “que frau sora”! Quando antes tinha pedido para que a sua colega não ficasse de costas para o público, esta não se importou muito e até parecia querer participar mesmo. Vendo que algumas meninas ficaram com vergonha de ter os “pés dançantes”, fiz questão de ficar bem “ridícula”, deixando que o movimento me levasse, interagindo com o público, com a Ágata e logo tentando finalizar, já que foi se desmanchando o improviso, pois só eu e a Ágata estávamos realmente dispostas a jogar...

A aula terminou com o tempo apertado e não nos despedimos direito, todos saíram logo correndo, pois era a hora do lanche. Quando fui buscar a bolinha de gude para entregar para a Maria Luiza, percebi que não estava no lugar que eu tinha deixado. Deu-me um desespero por dentro e comecei a procurar. A Maria Luiza também procurava junto com o Ariel. Quando já estava indo pedir mil desculpas e dizer que lhe daria outra, o Ariel achou. Nós duas festejamos! Ela veio se despedir como que pedindo um abraço, mas antes me olhou bem e disse

obrigada. Eu a abracei e nos meus pensamentos pedi que ela ficasse bem. Ela saiu ainda num estado meio triste.

“Sacações” do dia:

- ✦ Buscar estar engajado com a sua própria proposta.
- ✦ Não subestimar e se dispor a estar verdadeiro para que se possa então encontrar uma “real” solução.
- ✦ Estabelecer laços próximos ao sentido da palavra confiança sempre é acolhedor.
- ✦ Dispersão é algo natural e talvez a relevância do “foco” esteja entre o interesse e a curiosidade...
- ✦ Não ter medo do “ridículo” principalmente quando se trata de encorajar a quem precisa.
- ✦ Abraços sempre que for preciso...

Pactos - dia 7 de outubro

Estava um dia bem chuvoso, nos encontramos no DAD, ou melhor, eles me encontraram, e partimos numa caminhada “aquática” (chovia muito...) até a escola. Eu estava um pouco cansada e pensativa neste dia, e com a intenção também de deixá-los mais “livres”, então, não fiz muitas perguntas sobre a aula anterior, nem o que eles pretendiam com esta aula desse dia. Leonardo era o mais “falante” neste dia, e um pouco “irritado” por causa da chuva, como ele mesmo disse, mas em tom de brincadeira também, pois essa situação da chuva não fez com que perdêssemos o bom humor pelo caminho.

Chegando à escola, a senhora da recepção disse que não precisávamos do adesivo de identificação, que só entrássemos, e assim foi... (Interessante que dessa vez, ela deu um meio sorriso, um pouco contido).

Quase chegando à sala da coordenadoria, escutamos um som bem forte vindo de alguma parte. Quando encontramos a coordenadora, ela disse que tinha tentado nos ligar para avisar que hoje eles não teriam as aulas normais, porque

estavam tendo uma semana de atividades especiais por causa do dia das crianças (dia 12 de outubro que se aproximava). E, naquele momento, as crianças estavam todas reunidas no Ginásio da escola, tendo uma atividade de dança, com um grupo originário da cidade de Ivoti. Após essa explicação, ela nos convidou para que fôssemos lá e nos entrosássemos com a proposta.

Ao entrar no Ginásio, vimos várias crianças e adolescentes (provavelmente todos os da escola) dançando ao som de uma música animada e seguindo a coreografia ditada pelas duas professoras de dança. As crianças se divertiam concentradas tentando acompanhar e imitar os movimentos. Alguns meninos implicavam-se uns com os outros, fazendo paródia dançando, se empurrando competindo, etc. Alguns dos outros meninos estavam sentados junto de um professor - notava-se que não queriam participar.

Logo em seguida, os “nossos alunos” avistaram os seus professores “do teatro” (como eles dizem) e os chamaram para dançar, eu já tinha me acomodado num canto, para somente observar... Foi divertido e bonito de ver os ministrantes se “enturmando”, os alunos ficaram empolgados e contentes com os professores ali junto deles tentando dançar também... Parece que fui enxergando aos poucos como cada um dos meus colegas foi se permitindo estar ali, naquele momento, presente, talvez reanimando de volta a criança dentro de cada um... Porque depois de alguns minutos, todos pareciam estar numa mesma sintonia, brincando.

Ao término dessa atividade, cada grupo foi dar continuidade as suas atividades do dia, no nosso caso, nossa aula de teatro, que, nesse dia, contou com esse espaço diferente, pois metade da quadra do Ginásio ficou disponível para nós. Eu permaneci sentada observando de longe - um pouco longe mesmo, devido ao tamanho da quadra. Algumas crianças vinham me perguntar por que eu não estava participando naquele dia, e por que eu havia faltado na aula anterior. Era estranho tentar responder somente dizendo que naquele dia estaria observando porque estou fazendo um trabalho e etc. Não me senti bem com essa resposta, porque parecia que eu estava recusando ou traindo um possível convite deles para que eu fizesse parte daquele momento também. Mas foi bom também

poder observar todos nessa distância que afetava um pouco a minha relação naquele momento com os demais e me trazia questões, “convites”, imagens e reflexões. Eu praticamente não conseguia ouvir a voz de todos, então, eu apenas enxergava bem as movimentações, as expressões faciais, o grupo como um todo e os pontos de conexões e desconexões. Por exemplo, enquanto algumas meninas (as maiores) se divertiam no chão, deitadas fazendo movimentos de coreografia, os menores brincavam de “pega - pega” com os ministrantes e, algumas vezes, se estabelecia algum jogo entre um ministrante e um aluno, naturalmente, através da própria brincadeira mesmo ou de uma ação e reação. O Leonardo estabeleceu algo bem divertido com a Maria Luiza nesse dia, e era simplesmente esse jogo de “pega- pega”, mas ela sorria, ria, se divertia. Ela parecia contente, diferente da aula que eu observei anteriormente. Foi tão bom ver ela assim sorrindo e brincando, de uma forma tão genuína... Eu sorri também! Parecia que aquele momento “lavava” qualquer adversidade que pudesse ter tirado dela esse estado puro de uma alegria resplandecente e simples.

Houve um momento no qual ela, a Maria Luiza, me avistou de longe e veio correndo na minha direção, já me pegando pelos braços, para que eu levantasse e fosse brincar também. Não tinha nada de atônito no rosto e no olhar dela, mas sim um olhar reflexivo, que parecia procurar entender minha situação. Por alguns segundos só nos olhamos e senti como se eu não pudesse me esconder detrás de máscara alguma, ela parecia ser cúmplice do meu cansaço, de que eu não estava muito bem naquele dia. Ela ficou por alguns segundos (longos) me olhando, e eu a ela, percebendo o quanto eu não conseguia “fugir”. Logo, ela me disse: “Eu prometi pra ti que eu ia brincar, agora, é a tua vez”. Eu “desmoronei” por dentro e só consegui sorrir pra ela e fazer um não com a cabeça, tentando explicar... Ela logo parece ter entendido, e foi brincar de novo...

Digo “desmoronei”, porque eu a subestimei, pois em nenhum momento na aula anterior (em que eu a vi triste) eu pedi que ela me promettesse algo... Ela não me disse nada, nenhuma palavra que sugerisse que ela estava triste. Apenas intuí pelo olhar e quis tentar compreender, ficando com os meus pensamentos.

Somente disse que iria cuidar da sua “bolinha de gude” enquanto ela participava da aula. No final, quando quase perdi a bolinha, ela veio até mim, nos olhamos e eu lhe dei um abraço sincero, torcendo comigo mesma pra que ela ficasse bem. Penso que a subestimei, porque, ao ela me dizer neste dia que ela havia “prometido” brincar, foi como se ela tivesse entendido muito bem o quanto eu quis que a tristeza dela fosse embora... Por mais que eu não tivesse dito nada, ela sabia... E, neste dia, “era a minha vez”. Acho que estabelecemos um pacto sem querer...

Parece que as crianças têm esse “poder” de abrandar determinadas situações, uma leveza em encontrar soluções para a tristeza, cansaço ou desilusão. Elas não permitem que esses sentimentos tornem-se pesados, como a maioria dos adultos. Na verdade, talvez, com o passar dos anos vamos perdendo esse potencial de enxergar a efemeridade das coisas e dos momentos. Retemos muito e “soltamos” pouco. Soltar, essa palavra me recorda a infância. Já na adolescência, vemos a construção dos ideais, o posicionamento e coragem diante da vida e dos outros, as curiosidades, os desejos, as angústias e paixões. Onde será que vamos guardando tudo isso?(Guardamos?)

Todos - inclusive os ministrantes - pareciam mais soltos nesse dia, mais leves. Não sei bem se foi o ambiente ou a proposta da aula, mas eu não via relações predeterminadas e estabelecidas como professor e aluno, apesar de que sabíamos claramente quem eram os “professores”. Mas, por instantes, eu vi crianças que se tornaram um adulto, que ainda permite que sua “criança” apareça e brinque com as demais. Também vi crianças reconhecendo adultos que ainda sonham e brincam. E nessa enorme “imagem” que eu enxergava, eu imaginava a possibilidade de que todas as relações, principalmente esta em questão, professor-aluno, tivessem como base, a compreensão, a leveza e a ternura.

Essa seria a base, e o “campo” do “voo”, a arte.

Todos nós saímos bem contentes da aula e lá fora seguia chovendo... Fomos conversar um pouco na mesma cafeteria do encontro anterior e terminamos conversando sobre nossas vidas.

“Sacações” do dia:

- ✦ Não recusar “convites”.
- ✦ Se distanciar um pouco às vezes é bom.
- ✦ Através dos jogos e brincadeiras muitas coisas podem acontecer, muitos *atravessamentos*...
- ✦ “Pactos etéreos” podem acontecer...
- ✦ A *leveza*, ao contrário daquilo que é pesado, nos submete a uma abertura para uma atitude que acolhe mais, aceita mais, e conseqüentemente nos tornando mais aptos a encontrar soluções ou meios de agregar, ao invés de excluir.
- ✦ Às vezes é necessário soltar... Deixar ir, fluir.

“Se eu permito, eu atualizo... Deixo a vida fluir, não sufoco”.

Suely Rolnik

Uma ponte – dia 21 de outubro

Relato pelas outras vozes (ministrantes)

Neste dia, devido a um imprevisto, não pude acompanhar a aula, mas fui até a escola e os esperei na entrada da mesma, para que conversássemos depois. Decidimos ir para o mesmo café das outras vezes, e, desta vez, todos sentiam muita necessidade de conversar sobre a aula, com um sentimento de angústia (me pareceu...). Então, lá íamos nós, já conversando pelo caminho até a cafeteria, enquanto mais ou menos eu ia me colocando a par da situação: a coordenadora interrompeu a aula para conversar, devido ao chamado das próprias alunas, que estavam desconfortáveis com o “caos” que havia se instalado na aula.

Entramos na cafeteria, nos sentamos, mal fizemos os pedidos e seguimos a conversa. Logo eu pensei e disse: “bem, hoje vou ter como base para o meu relato as vozes de vocês, vamos lá...” Abri o meu caderninho e comecei a anotar o que pude. Penso que seria interessante eu transcrever exatamente da maneira como escrevi no caderno, naquele momento, por ser a “voz” de cada um deles e pela maneira como reverberou em mim. Pois, então:

- ★ Chegaram todos separados.
- ★ Fernanda foi abrir a porta.
- ★ A Nati e ela arrumaram as cadeiras.
- ★ A Nati já não estava muito bem. (Nati=Natália)
- ★ Ariel chegou depois...
- ★ Desde o início estava caótico.
- ★ Maria Luiza não foi.
- ★ Tem uma menina que está sempre com dor de barriga.
- ★ Não tinha + roda.
- ★ As gurias queriam chamar a Beatriz (coordenadora).
- ★ Três meninos estavam terríveis.
- ★ Arthur-Ariel.
- ★ + agressivo.
- ★ Nati comentou do menino que chamou as gurias de p* e o que ela falou pra elas: “Homem nenhum pode falar mal de vocês...”.
- ★ Conversamos sobre isso, sobre coisas... Fernanda: ser uma mosquinha para invadir casa e saber.
- ★ Dragão e Arthur estragou tudo.
- ★ Cidade dorme.
- ★ As gurias foram chamar Beatriz.
- ★ Nati foi atrás.
- ★ Ariel formar uma roda, Fernanda acolheu a ideia.
- ★ Ficou um “pouquinho”.
- ★ “Discurso Ariel”.
- ★ ↳ Respeito.

- ★ ⇨ abriu para sugestões.
- ★ União conversamos.
- ★ Sonho Nati.

“Sacações” do dia segundo as vozes dos ministrantes:

- ✦ Dar “limite” é dar amor – Fernanda.
- ✦ O que fazer nos momentos de imprevistos... Pulso?

Segundo a Nathalia, “Dia do Doce” - 4 de novembro

Era meu último dia acompanhando o grupo, então de certa forma eu queria me despedir de alguma maneira carinhosa em que eu pudesse agradecer... Já havia pensado em fazer o que acho que se tornou um ritual em algumas outras experiências, de levar uma caixa com imagens e logo doces, fazendo uma dinâmica com os participantes. Mas, desta vez, foi um pouco diferente. Não levei imagens, mas levei uma caixa cheia de doces (balas, pirulitos, etc.) que eram lembrancinhas do aniversário da minha sobrinha. Ela já sabia que eu estava acompanhando as aulas de teatro dessa escola, pois eu comentava com ela. Então, no final de sua festa de aniversário, ela disse que eu poderia levar se eu quisesse todos àqueles doces para as crianças que eu tanto comentava. Disse isso bem entusiasmada, claro que eu aceitei.

Chegando à escola, logo encontrei uma das supervisoras e mostrei a caixa cheia de doces e perguntei se não haveria problema em eu oferecer para as crianças, ela disse que tudo bem, que eles iriam adorar mesmo. Eu estava atrasada, cheguei 30 minutos depois. Estava tudo bem disperso quando entrei na sala e logo a menina Ágata veio em minha direção dizendo: “Sôra, eu tava dizendo pra os “profis” que eles precisam ter mais pulso firme, ser mais rígidos, se não as coisa não funcionam” E começou a explicar como as coisas davam certo quando algum professor era mais pulso firme, etc. Então eu perguntei: “Ai, mas não é bom quando a gente tem medo, não é?” E ela parou um pouco e disse: “Ai é

verdade, mas precisa um pouquinho de firmeza”. Então seguimos conversando um pouco mais e sugeri que ela ajudasse os professores (ministrantes) naquele momento, conversando com os colegas dela, e então ela disse: “Mas eles não me dão “bola”, eu mal me dou com eles...”. Eu disse a ela que então tudo poderia ser uma questão de atitude, então íamos ver como poderíamos resolver a situação.

Chamei o Ariel e perguntei se eu poderia fazer uma brincadeira (ou “ritual”) com eles para me despedir e assim finalizar a aula daquele dia, ele disse que seria muito bom e lá fomos nós.

Formamos um grande círculo. O Arthur, que na aula passada me comentaram que estava agressivo, neste dia estava bem diferente. Ele quase não quis fazer parte da roda, mas, eu sugeri que ele fosse meu “assistente” com a caixa, e então ele concordou. Todos sentados num grande círculo e bem curiosos para saber o que havia dentro daquela caixa. Assim que todos ficaram dispostos ao início do “ritual” eu comecei a contar: era um “ritual” de despedida, pois era meu último dia com eles e dentro daquela caixa tinha doces que a minha própria sobrinha pediu que eu levasse para esse dia. Cada um, por vez, deveria de abrir caixa e escolher dois doces para dar para um colega, e assim por diante, até que todos recebessem.

A “partilha” dos doces então começou comigo e eu dei dois pirulitos para o Arthur (que ficou bem faceiro) logo na sua vez ele disse: “hoje eu vou adoçar a vida de alguém”, e deu dois doces para a sua colega, a Milena. A Nathalia (ministrante) comentou comigo nesse meio tempo, que ele entregava os doces, que ele é apaixonado pela Milena. Depois, já quase para o fim do nosso ritual, o Arthur vendo que a Milena fez pouco caso ao presente, ele disse, num tom engraçado: “eu quis adoçar a vida dela, mas ela me amargou”, nos rimos juntos.

A Ágata me deu os doces na sua vez e os ministrantes também receberam. A Fernanda (ministrante) não estava neste dia, nem a Maria Luiza, parece que ela não irá mais às aulas, e não se sabe o porquê. Aliás, faltaram muitos neste dia.

Em seguida, conversamos um pouco, as meninas se interessaram muito em saber quem era a minha sobrinha e todos agradeceram os doces, pediram que eu mandasse o recado para a minha sobrinha, a Isadora. Tiramos uma foto e logo fomos aos poucos despedindo-nos. Alguns disseram para que eu fosse visitá-los e a Ágata quando estava saindo, depois de ter me dado um logo abraço, disse: “como é triste ver as pessoas partindo”.

Todos nos ficamos encantados com essa fala da Ágata, até por causa do tom poético que ela deu a frase, no mesmo tempo que ia saindo pela porta... Senti pelo fato de não ter me despedido da Maria Luiza, espero que ela esteja bem e feliz.

Terminando a aula fomos à nossa cafeteria de sempre e começamos a conversar principalmente sobre a vida e de como tinha sido o semestre para todos. Vieram várias questões pessoais, que terminavam por envolver todos e tudo. Num desses momentos o Ariel solta uma frase, que me soou tão bonita e ele ainda disse sorrindo: “a Ana é cheia de renascimentos...”. A “Ana” sou eu, é assim que muitos me chamam, e eu digo que podem assim me chamar, pelo fato do meu nome ser um tanto “complexo”: Anandrea. Pois eu digo que Ana é mais simples e direto. Engraçado isso, porque hoje em dia eu me identifico mais com toda essa possível “complexidade” que ecoa do meu nome e esses tais “renascimentos” que falou o Ariel. Um paradoxo talvez? Pode ser, mas eu sinto que isso é bom.

E nesse meio tempo, conversando e refletindo sobre tudo isso, conversamos sobre o julgamento para com alguém, sem antes saber ao menos o mínimo de que “mundos habitam detrás daquele rosto”. Expandindo isso, a todos os nossos âmbitos relacionais.

Chegou nossa hora de ir embora e ficamos combinados de nos vermos mais adiante, todos seguiram o seu caminho.

“Sacação” desse dia:

- ✦ Nunca se sabe “os mundos que habitam detrás de um rosto”, nunca é demais o cuidado e a delicadeza.



(Arquivo pessoal. Registro feito neste último encontro que conta o relato acima com os participantes da Fundação, alguns estavam ausentes.)

3. Sobre: as certezas, incertezas, compreensão e o desconhecido...

Num mundo que nos pede implicitamente tantas certezas, por causa da crescente demanda de competitividade independentemente das áreas profissionais e dos postos ocupados, pelo excesso de informação e atualização dos mesmos, saber lidar com aquilo que é incerto, é quase uma qualidade divina. Pois praticamente somos humanos que enalteçemos “semideuses”, concebidos através do nosso próprio sistema (e desse também depende sua durabilidade ou decadência) ao exigir de qualquer pessoa o seu máximo, super, *Power*, “rendimento”, ou melhor, ao endeusar e reconhecer uma pessoa por um critério de “sucesso”, fama, ou genialidade. E assim, esquecemos e menosprezamos aquilo que é tratado pelos adeptos do pensamento “tempo é dinheiro” como algo secundário (ao contrário do máximo, hiper, super), mas, o que nos acolhe a alma sufocada de frustrações: o olhar de amor, o toque que “ouve”, o abraço que inunda o corpo de uma confiança desconhecida, a palavra que encoraja a verdadeira escuta do outro e todas as formas que a voz interior, do que permanece do Ser humano, encontra, para se reconectar consigo e com o outro.

Acredito que com toda essa construção desse sistema em que vivemos, perdemos muito a capacidade e a simplicidade de estar com o outro, ou seja, estar presencialmente, com o corpo e os sentidos ali naquele instante dessa presença. Nós nos afastamos também, à medida que temos a necessidade de nos “mascarar” ou esconder detrás de algo, pelo fato de não nos enquadrarmos nesse círculo de “semideuses” e pessoas super, hiper. Isto acontece, geralmente, por proteção, por medo de não ser aceito, por não ser compreendido tal como se é, como homens e mulheres querendo ser amados, ouvidos e abraçados, assim como são e pelo que são, e não pelo que se tem ou se diz que “é”.

Agora, se vamos por essa linha de pensamento, nos perguntamos: como um professor em sala de aula vai lidar com tanto “excesso”, tanta angústia latente, necessidades e *desejos* presentes em seres que são o reflexo desse nosso sistema?

Segundo o sociólogo francês Edgar Morin, dois de seus “Os Sete Saberes necessários para a Educação do Futuro” (UNESCO, 2007) é preciso saber lidar com as *Incertezas* e apreender a *Compreensão*.

É preciso ver, ver-nos, escutar de verdade com todos os sentidos, estar presente. Uma aula de teatro pode ser esse “campo” que evoque essa presença, um ato de reconectar o encontro com o outro. Por mais que “máscaras” venham assistir a uma aula, em algum momento, ela vai se revelar... Sutilmente ou avassaladoramente. Porque, ao colocar o corpo no “campo”, ele evoca memórias, desejos, sentimentos.

Um parêntesis:

“Ser é nascer continuamente” diz Thérèse Bertherat em seu livro “*O Corpo tem suas razões*”, 1986. Quando se refere às pessoas que “deixam-se morrer” porque se perdem de vista ao querer integrar-se à perfeição da estrutura contemporânea. E conseqüentemente não temos autonomia na nossa própria “casa”: o corpo.

Fechando o parêntesis... Ou deixando em aberto...

Quem sabe, portanto, atravessando o desconhecido - ou o que está por ser descoberto - e colocando o corpo no “campo” através do jogo, da brincadeira, da escuta, do outro, possamos nos reconectar, nos reconhecer, como o ser que somos e “construir-nos”. Soltando, “descongelando” ou *evocando desejos*.

A partir do momento em que começamos a nos compreender (e aceitar), passamos também a compreender o outro nas relações, isso se dá em crianças e adultos, é independente, aliás, acredito que a criança ainda o tem por instinto, nos adultos às vezes o “mascaramos”:

“A incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão do outro. Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e fraquezas dos outros.”

(Morin, Edgar, “Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro”, pág.83).

No mesmo livro citado acima, Edgar Morin expõe em algumas linhas o nosso contexto social e dessa possibilidade de um “nascimento” como um “ser que nasce continuamente”:

“Tantos problemas dramaticamente unidos nos fazem pensar que o mundo não só está em crise; encontra-se em violento estado no qual se enfrentam as forças de morte e as forças de vida, que se pode chamar *agonia*. Ainda que solidários, os humanos permanecem inimigos uns dos outros, e o desencadeamento de ódio de raça, religião, ideologia conduz sempre as guerras, massacres, torturas, ódios, desprezo. Os processos são destruidores de um mundo antigo, aqui multimilenar, ali, multissecular. A humanidade não consegue gerar a Humanidade. Não sabemos ainda se se trata só da agonia de um velho mundo – prenúncio do novo nascimento – ou da agonia mortal. Nova consciência começa a surgir: a humanidade é conduzida para uma aventura desconhecida.”
(Morin, 2007, pág. 85)

Tendo em vista essa questão e justamente a frase “a humanidade é conduzida para uma aventura desconhecida”, como não se questionar sobre essa aparente necessidade de controle, de normas rígidas, inflexíveis, que mais se ajustariam a uma máquina que a um ser humano, já que somos falíveis?

Mais adiante, o autor nos diz:

“Por isso, importa não ser realista no sentido trivial (adaptar-se ao imediato), nem irrealista no sentido trivial (subtrair-se as limitações da realidade); importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda invisível no real.”
(Morin, 2007, pág.85).

Essas palavras acima dizem muito sobre vários momentos de enfrentamento da realidade vivida pelos participantes no Projeto de Extensão (deste ano e de quando participei) realidade esta que por vezes “limitava” as nossas “vontades” quanto a planejamento de aula, por exemplo. Mas, eu percebia essa possibilidade no real, só que ainda nos era invisível... Acho que por isso, minha primeira tentativa de título para o projeto do TCC era “A ressignificação do olhar: uma ponte entre o invisível”. Estranho título, eu mesma não consegui explicá-lo, mas pressentia essa “invisibilidade” e a necessidade de uma “ponte”.

Uma ponte principalmente para a descrença na potencialidade criativa e expressiva daquelas crianças e adolescentes, sobre as quais meu julgamento foi limitado (claro!) dando vazão à realidade visível e não a “invisível”. Assim como relatei aqui nesta pesquisa numa das observações o acontecimento do “Pacto etéreo”, outras situações parecidas aconteceram em que eu subestimei (por causa do prévio “julgamento” da “realidade das coisas”) não só uma criança em si, mas todo o “universo de possibilidades” que o desconhecido e a própria experiência podem suscitar.

Acredito nas pequenas percepções diárias e o olhar ou susceptibilidade, vontade e desejo do próprio professor (ou no caso, ministrante) em captar essas *invisibilidades*.

3.1 Compreensão

Ainda no mesmo livro, Edgar Morin, nos traz mais reflexões sobre a compreensão. Como ele mesmo diz, “para que haja compreensão é necessária a consciência da complexidade humana” e, por isto mesmo, ele salienta e tem como ponto de partida o *pensamento complexo*, que procura integrar e não segmentar saberes. Que já está própria origem da palavra compreender:

“Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno).”

(Morin, 2007, pág. 94).

Em seguida vem uma colocação que diz a respeito do colocar-se no lugar do outro, ou “enxergar-se”, esta procura de entendimento que vai além do concreto e visível, e dialoga com o sentimento:

“(…) se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim

minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela.” (Morin, 2007, pág.94).

“(…) a compreensão pede abertura…” (Morin, 2007, pág.94).

Todos nós envolvidos nessa pesquisa de uma forma ou de outra mergulhamos no desconhecido de corpo aberto. Surgem à superfície de nós mesmos, nossas memórias, marcas e cicatrizes mal cicatrizadas que pedem cuidado para que elas possam ser “só” a lembrança de mais um aprendizado. Em muitos momentos acredito que este aprendizado esteve no outro: naquela criança, naquele olhar, naquele abraço, naquela voz. Evocados pelo próprio encontro e convocados pelos *desejos* que foram se produzindo entre os dias, entre as “máscaras” e as horas do cotidiano.

4. “Dar passo” ao desejo - SUELY ROLNIK - Uma fricção entre o consciente e o inconsciente

Suely Rolnik, psicanalista brasileira, autora do livro “Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo” é a primeira autora que eu quis para dialogar com os meus pensamentos e memórias. Sugerido (na disciplina do Projeto de Pesquisa) pela professora Silvia Balestreri, após um dos nossos encontros em que eu havia levado um dos meus escritos em que eu contava a minha experiência na oficina de teatro com a Cristina Banegas em Buenos Aires, ARG. A sugestão na época foi a leitura de um dos artigos da autora intitulado “Deleuze, esquizoanalista” publicado na revista “Cult” (revista em página Web - *online*) que inicia com esta frase entre parêntesis: “Nunca perca sua graça, isto é, os poderes de uma canção”. A parte que trago aqui em destaque e também é o momento central do artigo, é quando a autora, Suely, conta sobre uma experiência que ela teve em Paris numa aula de canto, após 9 anos de exílio, pois havia deixado o Brasil na época da ditadura militar. A sua professora de canto sugere que cada aluno escolha uma música, Suely se lembra de uma das tantas músicas do movimento tropicalista, do final dos anos 60, tempos do regime militar. A música era cantada pelo “timbre suave” da cantora Gal Costa e diz: “Cantar

como um passarinho de manhã cedinho... Abre as asas passarinho que eu quero voar..." Neste momento à medida que Suely começa a cantar algo surge:

Sou tomada por um estranhamento: uma sensação de que aquele timbre me pertence desde sempre como se nunca tivesse deixado de existir na memória corporal de minha voz, mesmo que silenciado por tanto tempo. Apesar de tão suave, sua vibração vai perfurando firmemente um ponto de meu corpo e ganhando o espaço da sala. O ato de perfuração me faz descobrir na superfície branca da jardineira e da camiseta que estou vestindo uma pele compacta que envolve meu corpo como uma espessa camada de gesso; e mais, ela parece estar ali há muito tempo, sem que eu jamais a tivesse notado. O curioso é que o corpo revela-se em sua petrificação no momento mesmo em que o delicado filete de voz o perfura, como se de algum modo pele e voz estivessem imbricados. Terá o corpo enrijecido junto ao desaparecimento daquele timbre? Seja qual for a resposta, o gesso tornara-se agora um estorvo: impunha-se a urgência de livrar-me desta carapaça. Decido, ali mesmo, voltar ao Brasil, apesar de jamais ter cogitado deixar Paris. Voltei e nunca duvidei do acerto de minha decisão.

Mais adiante, ela nos conta que naquele momento, a marca da ferida no *desejo* estava cicatrizada o bastante para que ela decidisse voltar ao Brasil, ou seja, através dessa experiência, atravessada pelo canto e manifestada pelo próprio "corpo-vibrátil", o campo dos afetos, deu-se fluxo e vida ao *desejo*...

Mas o que estou designando aqui pela noção de "desejo"? Em poucas palavras: impulso de atração que nos leva em direção a certos universos e de repulsa que nos afasta de outros, sem que saibamos exatamente porquê, guiados como que cegamente pelos afetos que cada um destes encontros gera em nosso corpo; formas de expressão que criamos para trazer para o visível e o dizível os estados sensíveis que tais conexões e desconexões vão produzindo na subjetividade; metamorfoses de nós mesmos e de nossos territórios de existência que se fazem nesse processo.

Por meio do novo idioma, o novo território, o exílio, o afastamento de tudo que havia feito parte daquela época vivida, atravessada pelo seu corpo e todos os sentidos, ela "anestesiou" o trauma:

O gesso que até então tinha sido a garantia de minha sobrevivência, a ponto de confundir-se com minha própria pele, perde o sentido a partir do momento em que o timbre suave e amoroso recupera a coragem de se manifestar. O que fora um remédio para o molejo machucado do desejo passa a ter o efeito paradoxal de bloquear sua dinâmica. É provavelmente isso o que fez com que naquela aula acontecesse tudo de uma vez só – o reaparecimento do timbre, a descoberta da dura cara-paça que me envolvia e a asfixia que ela agora me causava.

É exatamente esse fluxo de movimento *caótico*, desestabilizador e gerador de “vida” que eu pude atravessar e enxergar em vários momentos que estavam envolvidos nesse “campo”, além do nosso corpo externo, mas também interno e vice-versa, que uma aula de teatro nos propõe. Esse campo é minado de *invisibilidades* como diz Edgar Morin, e povoado de possibilidades. O perigo está em estar com este “saber do corpo”, como diz Suely Rolnik, desativado, contido. Isso acontece não somente nesse grau em relação a um regime totalitário, mas também em nosso próprio contexto pessoal e familiar, que são consequências de um sistema que não acolhe esses momentos de desestabilização, num sentido mais subjetivo, ou até inconsciente. Poderá haver a consciência desses momentos, porém, eles (o desconhecido) geralmente acontecem entre essa fricção com o consciente e o inconsciente, como diz Suely Rolnik: “humilhada e **desautorizada**, a dinâmica criadora do desejo paralisa-se sob o domínio do medo...” O medo é o estranho ao familiar, é o “desautorizado”, ou, o que não faz parte da “forma” e é entre esse estranho e familiar que se dá o *desejo* que ainda não se sabe o porquê de sua existência, mas ele pede passagem.

Uma das propostas da autora para “farejar” estes momentos poderosos é afinar a escuta para os afetos que cada encontro mobiliza e os ter como um critério na orientação das nossas escolhas. Quando releio estas linhas que a autora propõe lembro claramente da presença dessa necessidade no processo desta pesquisa, algo que eu já sentia há alguns anos atrás, mas que só agora sinto com tanta intensidade. E, o mais bonito ainda é ver este sentimento se

expandindo de alguma maneira em todos os que participam desse Projeto de Extensão, aqui no caso, esta pesquisa em especial.

4.1 Intensidades buscando expressão

Após a leitura desse artigo da autora estive à procura do livro que citei no início e logo por demais artigos. Gostaria de citar aqui algumas passagens que acho significativas para o entrelaçamento desse pensamento-pesquisa em processo...

Para ele não há nada em cima – céus da transcendência -, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (*Cartografia Sentimental - Transformações Contemporâneas do Desejo* Pág. 66.).

Aqui a autora refere-se ao “cartógrafo” que no meu caso coloco-me como a pesquisadora, que está tentando dar passagem, em palavras, a essas intensidades que buscam uma maneira de estarem “vivas”. As intensidades aqui no caso são todos estes momentos que, no decorrer da escrita e das minhas observações no “campo” eu me deparo com “situações-sentimentos” muito verossímeis aos que eu já vivenciei (senti) ou percebi, em tempos passados (meu início no projeto-extensão) e tempos presentes (com os novos ministrantes do projeto-extensão). Como por exemplo, a situação com a Fernanda, logo no primeiro dia da minha observação da aula de teatro que eles ministraram. Em cada situação que isso ocorreu além das memórias ressurgirem, a angústia ou alegria provocada pela sensação do momento passado era revivida por mim, mas de uma maneira diferente, como se eu pudesse me distanciar, permitir à sensação e logo procurar transformá-la em escrita, exatamente como essa *intensidade que busca expressão*, como cita Suely Rolnik.

Obs. Durante os escritos e relatos, nos momentos das *linhas de intensidade* haverá uma nota de rodapé indicando o parágrafo que as convoca.

4.2 O “poder” do momento

« Quantos seres sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro de meu eu? Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Este passeia pra lá e pra cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da morte entrelaçadas.»⁵

Com estas palavras da artista plástica brasileira Lygia Clark, Suely Rolnik inicia o seu artigo denominado “Lygia Clark e o híbrido arte/clínica” onde ela evoca as palavras e a arte de Lygia para trazer à reflexão questões como esses momentos entre “vida e morte” (desestabilização) e sobre o próprio campo privilegiado da arte pelo *enfrentamento do trágico*. O *corpo-bicho* é o Corpo-vibrátil, *sensível aos efeitos da agitada movimentação dos fluxos ambientais que nos atravessam*, e o *Corpo-ovo* onde *germinam estados intensivos desconhecidos provocados pelas novas composições que os fluxos, passeando para cá e para lá, vão fazendo e desfazendo*.

O que acontece de tempos em tempos e que a autora chama de *tensão*, são exatamente esses momentos de fragilidade onde o *Corpo* não suporta mais a sua atual forma, avoluma-se esses estados de intensidades a tal ponto da necessidade do “sacrifício” da *morte* para o surgimento de um novo *Corpo*.

Aqui eu percebo um entrelaçamento entre a ideia de Edgar Morin sobre “gerar a humanidade”, ou seja, a necessidade do desconhecido (tensão), esse momento poderoso entre um estado e outro, que está latente justamente pelo seu instante *trágico* em que o “bicho grasna” e *exige a criação de uma nova figura*. A questão está em abraçar, em permitir, entregar-se...

⁵ Lygia Clark, carta a Mário Pedrosa, 1967; in Sonia Lins, Artes, 1996.

A arte é o campo privilegiado de enfrentamento do trágico. Um modo artista de subjetivação se reconhece por sua especial intimidade com o enredamento da vida e da morte. O artista consegue dar ouvidos às diferenças intensivas que vibram em seu corpo-bicho e, deixando-se tomar pela agonia de seu esparneio, entrega-se ao festim do sacrifício. (Rolnik, pág. 2)

O que vem em contraponto a esta entrega é a nossa situação social, de uma identificação “mercadológica” em momentos em que o *desejo* pede passagem, ao invés de o abraçarmos e deixarmos que esta *gestação* ocorra, muitas vezes procura-se uma identificação imediata pelo medo ao desconhecido ou o apego à forma, ao controle...

Neste mundo de subjetividades mercadológicas, tende a ser mínima a permeabilidade entre a arte - onde, e só onde, o grasnar é ouvido como apêlo à criação - e o resto do planeta. Fora da arte e do artista, cada grasnar do bicho, cada morte de uma figura do humano tende a ser vivido como aniquilamento de tudo (...).

Não encontrando vias de existencialização, as diferenças acabam sendo abortadas. Ética e estética dissociam-se: desativa-se o processo de criação experimental da existência; a vida mingua. (idem, pág.3)

Bem, neste mesmo momento em que escrevo estas linhas, me vem um pensamento: como é difícil falar (escrever) do “apego” ou não apego à forma e ao mesmo tempo elaborar esta pesquisa. Parei, olhei pra fora da minha janela e uma luz do pôr- do- sol (linda) tentava entrar entre os edifícios. Nos instantes seguintes em que esse pensamento “decantava-se” me lembrei de uma música (“Explode Coração”) escrita pelo artista Gonzaguinha, em que ele diz:

Eu quero mais é me abrir e que essa vida entre assim

Como se fosse o sol desvirginando a madrugada

Quero sentir a dor desta manhã

Nascendo, rompendo, rasgando, tomando, meu corpo e então eu

Chorando, sofrendo, gostando, adorando, gritando

Feita louca, alucinada e criança

Sentindo o meu amor se derramando

Não dá mais pra segurar, explode coração...

Pode haver mil e umas interpretações para essa letra, mas é inegável o tom e *intensidade* que ela convoca. Quem sabe, o sentido para que a vida não “míngue” seja esse: não “segurar”, permitir essa explosão que grita, venha à luz, do que ela quer nos dizer... “Só o corpo grita aquilo que a razão cala” (um pensamento que tenho em mente já há alguns anos).



(Arquivo Pessoal, o pôr- do - sol na minha janela).

4.3 Arte - Amparo

*Uma vez que as defesas se foram, cada ser humano se torna
uma flor.*

(Pol Pelletier)

Se pensarmos que:

Há desejos que dependendo do estímulo podem ser evocados e “sair à superfície”. E, que a questão também pode ser se estarão amparados ou não... A arte pode vir a ser um amparo...

Em vários momentos em algumas experiências dando aulas de teatro, na própria época em que eu fazia parte do Projeto de Extensão, me defrontei com situações bem difíceis, em que se podia enxergar no corpo dos participantes a realidade de cada um: um corpo rígido, outro frágil, outro acuado, tenso, os olhos, um abraço que parecia querer “afundar-se”.

⁶Lembro-me de uma situação que talvez tenha sido a primeira grande tomada de consciência da minha presença e o compromisso em estar indo ministrar nas oficinas do Projeto de Extensão. Era num orfanato, no bairro Mario Quintana de Porto Alegre com um grupo de crianças e pré-adolescentes, a maioria delas tinham sofrido casos de abuso moral e físico. Uma das meninas, adolescente, já estava lá fazia um tempo e inclusive nesse meio tempo entre entradas e saídas (porque ela chegou a abandonar o orfanato algumas vezes) ela engravidou e deu a luz à criança enquanto vivia no orfanato. Este bebê, o Luiz, já estava com dois anos e às vezes participava das nossas aulas.

Em dado momento a mãe do Luiz decidiu abandonar o orfanato, novamente, e o Luiz ficou. Ele era muito apegado a nós, e numa das nossas aulas, logo quando estávamos chegando e íamos fazer o círculo com todos para iniciarmos a aula (que às vezes fazíamos ao ar livre, num pátio cheio de árvores), o Luiz veio correndo em minha direção com os bracinhos abertos, meio para cima,

⁶ Linha de intensidade.

desajeitados e, quando chegou mais perto de mim, disse: mãe! Eu só o peguei no colo, meus colegas me olharam e seguiram a aula. Assim que pude o coloquei no chão e ele ficou por ali perto participando de alguma maneira.

Claro que psicologicamente podemos entender a situação, mas como lidar com isso? Como explicar a esse bebê e aos demais (que à sua maneira reverberam essa necessidade de atenção e carinho) que por mais que eu quisesse, eu não sou a mãe deles, e não posso... ? Não posso?

Acho que em determinadas situações existe muito desse “duelo” presente da identificação com os pais, versus professores (as) em sala de aula, principalmente no Ensino Fundamental, por exemplo. Por vários motivos, consequentes da nossa própria realidade, que se reflete em crianças apáticas, carentes, com necessidade de atenção e muitas vezes voltadas a agressividade, sendo este o único meio que elas encontram para sobreviver...

Acredito que uma aula de teatro pode proporcionar que essas angústias, traumas e desentendimentos, possam ser trabalhados de uma maneira lúdica, sem excluir a brincadeira, o jogo, ou a própria parte estética do teatro. Creio que isso pode ser possível, pois o “campo” da arte o permite... E quem sabe a criatividade (no sentido de dar passo ao desejo) seja evocada cada vez mais num aluno, e assim consequentemente, a visão autocrítica, a autoestima e a autogestão. Mas, para isso, também será necessário um professor que acolha esses “atravessamentos” e *desejos*, que esteja flexível e consciente das possibilidades que irão surgir e poderão ser o mote para que a arte, a expressividade latente, “pedinte” de cada aluno, venha a florescer, venha à superfície. E, que ele possa se sentir amparado nesse ambiente.

Quem sabe, assim, as relações, as diferenças entre as mais variadas complexidades⁷ em sala de aula, possam estar em comunhão, não com o fim da

⁷ Segundo Edgar Morin, vivemos uma perda das noções de multiplicidade e diversidade. E a simplificação está a serviço de uma falsa racionalidade, que passa por cima da desordem e das contradições existentes em todos os fenômenos e nas relações entre eles. O autor toma a palavra complexidade, portanto, em seu sentido etimológico latino, “aquilo que é tecido em conjunto”.

homogeneização, mas pelo contrário, para que haja compreensão e respeito em relação ao jeito de ser, de sentir, desejar e viver de cada um.

Eu enxergo e pude vivenciar essa possibilidade de que haja “paz” ao *desejo*, derivado de muitos sentimentos, tanto nas crianças, adolescentes, que participam da extensão, quanto nos próprios ministrantes, e isso é abraçar a complexidade que existe dentro de um espaço que é a Educação, que esta está vinculada ao todo, ao mundo, por mais que a queiram enjaular num sistema de produção, isso é visível e sensível. É necessária essa tomada de consciência...

5. Vozes – relatos - ministrantes do Projeto de Extensão

Relato da Fernanda Guimarães

Quando a professora Camila Bauer falou sobre a extensão, hesitei em fazer parte. Seria um mundo completamente novo para mim, uma aluna de primeiro semestre, ainda muito insegura tanto em relação ao teatro quanto em relação lado pessoal. Até que quebrei a barreira do medo e decidi "vestir" a posição de professora de teatro e me integrar ao grupo de extensionistas. As aulas estão acontecendo desde abril e muitas coisas já mudaram durante esse tempo, por exemplo, o grupo de extensionistas; os alunos que participam da oficina; a sala onde as aulas são desenvolvidas. Acho que todas essas mudanças interferem no processo de ensino. Tem sido um desafio constante, sinto que, a maioria das aulas, não consegui(mos) transmitir o que gostaria(mos), e isso, independente, de ter planejado ou não uma aula. Às vezes planejar funciona, às vezes não funciona às vezes ir sem nada planejado funciona mais do que o planejado... É bastante variado e surpreendente como as coisas acontecem, eu diria que a aula funciona por momentos. E acho que crianças têm usado as aulas de teatro como um pedido de ajuda, talvez por isso elas não estejam funcionando como gostaríamos, parece que as crianças querem ser ouvidas o tempo todo. São crianças que têm uma realidade completamente diferente da nossa e ler o mundo que eles vivem é difícil. Durante os últimos meses elas estão enfrentando situações terríveis de violência na vila onde moram. Teve um dia que uma aluna me disse: "Só falta matar mais um", como se isso fosse algo corriqueiro, completamente normal. E acho que é isso que estamos querendo, mostrar que a realidade nem sempre é dura, que as coisas podem ficar bem, que podemos viver em paz, que podemos ouvir e ser ouvidos. Viva o teatro que nos proporciona isso.

Relato do Leonardo Steffanello

Eu nunca havia trabalhado com crianças. Tive uma breve - mas incrivelmente tocante - experiência de voluntariado com senhoras idosas que viviam em um asilo, cujas normas eram estruturadas pela fé católica, e isso, por

vezes, era amedrontador, mas nunca ao ponto de fazer com que eu e um grupo de colegas do Departamento de Arte Dramática desistíssemos. Ficamos um bom tempo até que, infelizmente, tivemos de nos despedir por motivos que até hoje não são totalmente claros, já que a decisão de não frequentar mais o lugar não partiu de nós. O fato é quando decidi migrar para outro lugar - convidaram-me para participar do grupo que frequentava o Pão dos Pobres, uma fundação para crianças necessitadas - eu tinha plena consciência de que a diferença de idade traz uma diferença no comportamento. No fim, minha previsão estava certa: enquanto as senhoras com as quais trabalhavam era mais passivas em relação ao que propúnhamos, as crianças da fundação eram hiper dispostas, ao ponto de se dispersarem com muita facilidade. Era dar as costas por um segundo e o caos era instaurado. Admito que no início isso me chocava. Era impossível para eu não ficar petrificado em frente à felicidade extrema daqueles pequenos seres cheios de energia. No entanto, com o tempo fui me acostumando e até entrando no clima do lugar.

Em uma das constantes visitas - que ocorrem todas as quartas feiras - atendemos ao pedido das crianças e propomos o jogo favorito delas: Cidade Dorme. Nele, temos um assassino e um policial previamente selecionados sem que os outros jogadores participantes saibam. O assassino deve, com uma discreta piscada, dar um fim à vida dos jogadores e o policial deve descobrir quem é o criminoso. No entanto, para que o jogo funcionasse, precisávamos que todos no ambiente silenciassem os seus corpos e suas mentes. Obviamente, não foi um trabalho fácil, já que as crianças se mostravam inquietas. E foi no meio de risadas e cochichos notei que uma das crianças, uma encantadora menina chamada Ágata, estava deitada no chão - como todas também deveriam estar para que começássemos a brincadeira - fazendo movimentos com os braços e com as pernas. Mesmo suspeitando de qual seria a justificativa para tal ação, perguntei a ela o que ela estava fazendo. Ela respondeu que imaginava estar fazendo figuras na neve. Ela nunca havia visto neve, mas gostava de pensar nela como um fenômeno familiar aos seus sentidos. Instigado pela situação, disse a ela que também nunca havia visto neve. Foi então que ela empolgou-se e começou a falar

de todas as vezes que a imaginação dela a transportava para outros mundos, como quando ela, inspirada pelo sonho de ser uma bióloga, fingia que seu quarto era uma floresta, repleta de animais selvagens, e sua cama era um rio no qual ela podia se jogar sem preocupações. Por fim, a menina Ágata, fitando-me com um olhar brilhante e puro que poucas vezes eu já havia visto, disse as seguintes palavras: "É tão bom imaginar, né sôr?". Não consegui respondê-la de outra forma que não um "é" desnorteado, porém pensativo. Maravilhei-me com a visão daquela criança. Encantei-me com a sensibilidade do lúdico que só as crianças expressam perfeitamente, sem medo de críticas e julgamentos. E é esse o instrumento do ator, a sua arma mais poderosa: a imaginação, aliada ao lúdico, à brincadeira e à criatividade. A diferença entre a criança e o ator, contudo, está justamente no fato da primeira não necessitar do mínimo de esforço. A criança não precisa de artimanhas, de técnicas e métodos. A imaginação está intrínseca a ela. É algo tão natural que chega a ser intocável e belíssimo de se ver.

Relato da Naiany Agarb - ministrante do grupo da oficina de teatro no "Lar São José"

É difícil falar sobre todas as transformações que a extensão me proporcionou, desde minha visão quanto ao teatro, a minha visão sobre o que eu quero no teatro. Logo no início da extensão já fui desafiada a romper com meus pré-conceitos. Antes do curso de teatro eu cursava psicologia e desde aquela época eu afirmava com toda a certeza: trabalhar com idosos, jamais. Durante a escolha das instituições e definição dos grupos, fui parar onde?? Isso mesmo, num pensionato de idosos. O que eu, uma garotinha de 21 anos poderia oferecer àquelas senhoras tão maduras e sábias? Descobri que mais do que eu imaginei que pudesse. E descobri também que o que existe na extensão é uma via de mão dupla, não é apenas ir à instituição carente e levar o teatro como forma de fazer o bem a eles, sinto como se eu ganhasse muito mais do que eles. Troca. Acho que essa palavra define tudo o que vivo na extensão. No primeiro semestre a jovialidade e a disposição do grupo que ia até o pensionato, recebiam em troca à calma e sabedoria daquelas que tanto já viveram. Agora, no segundo semestre

uma situação diferente. Aulas para adolescentes. Como isso é inspirador e motivador. Olhar aquelas "crianças" (11 a 14 anos) se descobrindo, descobrindo o amor, a dor, sonhando, vivendo suas confusões, sendo aborrecidas, olhar pra eles e me ver em cada um. O desafio com eles é outro e com eles descobri algo sobre mim que jamais conseguirei agradecer, me encontrei dentro do teatro. Me fizeram perceber que o que eu amo mesmo é essa troca entre aluno e professor, é poder ser essa figura que inspira e que faz com que eles acreditem que tudo é possível, porque tudo é possível. Chegar no abrigo e ser recebida com aqueles abraços e aquela empolgação, aquela curiosidade: " soora, o que vamos fazer hoje" . Hoje nós vamos romper barreiras, vamos descobrir o novo, vamos além do que imaginamos que podemos ir. É isso o que sinto vontade de falar pra eles. Estamos agora num processo de montagem com eles, e a peça é baseada nas histórias deles e nos jogos que fazemos. É tanta história triste e pesada, é tanta violência que os cerca, e eles estão ali, querendo fazer teatro, ser jogador de futebol, ser médico, advogado. A extensão me fez perceber que o que quero com o teatro, é isso, fazer eles acreditarem que seus sonhos são maiores que tudo, e que eles podem ser o que quiserem.

5.1 Uma breve “costura”

É incrível o quanto nossas vozes (ministrantes, participantes e eu) e pensamentos se entrelaçam...

Tanto lendo os relatos, e vendo-os participando, eu sinto como uma evocação de ambas as partes, ministrantes e participantes... Algo que sai à superfície (fora da pele) entre esses corpos, nesse encontro, e se expande e reverbera nos meus sentidos e pensamentos.

Isso é magnético, é forte, é potência transformadora e geradora...

O encantamento

A necessidade de ouvir e ser ouvido

As mesmas angústias

A necessidade da troca

Os olhos que brilham

O medo

O caos

Pude sentir isso com mais sensibilidade (à flor da pele mesmo) no dia em que apresentei esta pesquisa no painel de Licenciatura do curso (por isso mesmo só hoje quis escrever estas palavras aqui, antes de entregá-lo). Eu me emocionei tanto, era como se transbordasse de dentro de mim tudo aquilo que eu fui evocando durante essa pesquisa: memórias, dores, medos, angústias, alegrias, risos, cheiros, gostos, abraços, etc. Era como se eu trouxesse ou estivesse invocando a presença das histórias que eu contei, por exemplo, a Maria Luiza e nosso “pacto etéreo”. Meu corpo, meus olhos e minha pele, eram os que mais estavam falando...

E o que nos aconteceu na pesquisa, foram momentos como esse, em que linhas de “universos” (pessoas) se entrelaçaram e foram trilhando possíveis caminhos. E não existe um “como”, talvez sejam construções - “costuras” - diárias, reverberadas também pela experiência e pelos sentimentos.

Nesse “estar com o outro”, eu vejo um mundo de possibilidades por descobrir...

6. POSSÍVEIS CAMINHOS

Percebi que eu tinha desaprendido a olhar, e olhando de novo, aprendi os vários mundos que habitam atrás de um rosto. Fechando os olhos, percebendo minha respiração, deixando que as memórias de dor ou alegria me atravessassem, redescobri o meu corpo, que chora, grita, fala, sente. A partir dessas redescobertas e descobertas, eu fui compreendendo melhor os outros corpos, as pessoas “dentro” e “fora” deles.

Aprendi que assim como há uma beleza estética, que nos transporta e nos faz sentir aquela perplexidade diante das coisas, como uma criança, existe também uma beleza sutil e sagaz, em situações e momentos às vezes os mais imprevistos, como na dor, que nos desperta um encanto e nos instiga a querer saber, conhecer, reconhecer.⁸

Enquanto eu escrevia este trabalho e estava entre esse processo de “mergulho” e buscando maneiras de trazer à superfície (em palavras) as intensidades que iam me atravessando, eu me deparei com um instante de desestabilização, e, se não fosse a “escuta” atenta e o próprio “diálogo” com a autora, talvez eu voltasse ao apego à forma pela necessidade de controle. Mas abracei o quanto pude esse instante e deixei que ele fluísse e quis pensar no fim deste trabalho (que não vejo como um fim e sim um começo) como possibilidades de caminhos, levantamento de questões, pensamentos, ao invés de respostas.

Durante esse processo, estive inquieta, reflexiva, “desestabilizada”, comovida. Assim como foi no início da minha participação no Projeto de Extensão, ao enfrentar as questões que esse espaço e envolvimento com os participantes trazem. E, da mesma maneira como senti a “gestação” de algo novo (*poderoso*), posso o sentir agora, enxergando as situações de outra perspectiva, percebendo as limitações, as crenças que vamos construindo e as várias maneiras de reagir diante de situações adversas...

⁸ Texto da autora escrito durante a disciplina de Projeto desta Pesquisa.

⁹*Eu quis evocar, colocar meu corpo no “campo”. E ser atravessada por outras marcas e vozes, por outros corpos... Afetações...*

Quando eu me deparei com esses mundos, colidi comigo, e a cada peça reencontrada descobri os universos que me compõem e tocam a minha própria (única) melodia...

Meus desejos, o campo, o Projeto de Extensão, as crianças e todos os envolvidos, e o voo, este trabalho... Essa possibilidade de soltar e me atrever a transcrever o meu universo atravessado

É primoroso quando acontece o encontro consigo mesmo, quando nos olhamos na frente do espelho e podemos dizer-nos: essa (esse) sou eu. Apesar de qualquer influência externa, seja ela boa ou ruim isso é importante, vital. Para que assim, o ser humano volte-se a sua humanidade e possa ser digno dela e assim se sentir parte do todo e contribuinte como ser que vive e atua em sociedade, seja ela qual for. A educação deveria nos permitir isso, não só permitir, mas encorajar.

"La educación no es llenar un balde, sino encender un fuego."

William Butler Yeats

Durante esses cinco anos entre a vida e o curso de Licenciatura, e como um ser que vive mais intensamente interna do que externamente, vivi momentos lindos, intensos, difíceis - uns mais, outros menos. Algumas vezes quis fugir, em outros momentos me perpetuar, mas senti que se abriu diante de mim uma possibilidade de universos a explorar e muitos caminhos a seguir. E, talvez, só hoje eu me sinta apta a escolher. Posso sentir uma coragem linda dentro de mim, viva.

Espero e desejo que esse meu sentir se expanda a todos aqueles corações que *desejam*, mas ainda adormecem, e que seu despertar seja exatamente como um amanhecer: essa linda mágica da natureza.

⁹ Palavras da autora, “soltas”.

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si / Thérèse Bertherat, com a colaboração de Carol Bernstein**; tradução de Estela dos Santos Abreu. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 223 p.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CANÁRIO, Rui. **A escola: das “promessas” às “incertezas”**. Educação Unisinos, Lisboa, Portugal, v. 12, n. 2, p. 73-81, mai./ago. 2008.

CAOSMOSE. NET. **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica Suely Rolnik**. Disponível em: <<http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

ESCUELA CON CEREBRO. **¿Por qué el cerebro humano necesita el arte?** Disponível em: <<https://escuelaconcerebro.wordpress.com/2015/01/31/por-que-el-cerebro-humano-necesita-el-arte/>>. Acesso em: 25 set. 2015.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **Edgar Morin: "É preciso ensinar a compreensão humana"**. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **Edgar Morin: o verdadeiro papel da educação**. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-o-verdadeiro-papel-da-educacao>>. Acesso em: 03 set. 2015.

GESTÃO ESCOLAR. **Rui Canário fala sobre como transformar problemas em soluções**. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/use-criar-482738.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2015.

KOGAN, Jacobo. **El Lenguaje del arte: Psicología y Sociología del arte**. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 1965. 221 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12 ed. São Paulo: UNESCO, Cortez Editora 2000, edição brasileira, 2007. 116 p.

RAZÃO INADEQUADA. **ESPINOSA – O QUE PODE O CORPO?** Disponível em: <<http://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinoza-o-que-pode-o-corpo/>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

REVISTA CULT. **Deleuze, esquizoanalista.** Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/deleuze-esquizoanalista/>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

ROCHA, Tatiana Gomes Da; KASTRUP, Virginia. **A partilha do sensível na comunidade: interseções entre psicologia e teatro.** Estudos de Psicologia 2008, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 97-105, ago./set. 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247 p.

